

**A PRISÃO DE
SÃO BENEDITO**
e outras histórias

Luiz Berto

Memórias de infância
Acontecidos de Palmares, interior de Pernambuco;
cidade grande e indecente

"O lugar é morigerado. Os homens nascem oportunamente, casam oportunamente, morrem oportunamente. E entre essas ocorrências comportam-se direito, mais ou menos direito, e examinam as vidas alheias, achando sempre nelas motivo para desagrado, o que muito influi na purificação do ambiente"

Graciliano Ramos

"Esta cidade sabe estuprar as pessoas. Sua violência devora as nossas cabeças com uma sede gargalhante. Inferno é a gente abrir o peito e deixar entrar como vem o Rio Una, podre"

Juarez Correya

ASCENSO, PALMARES, LUIZ BERTO
(Artigo publicado na Revista A REGIÃO, Recife, 1983)

Orlando Tejo

No silêncio misterioso das ruas de São José, os passos de Ascenso. As madrugadas , ali, cheiravam a eternidade. Uma paisagem imutável: ruas estreitas e tortas, paralelepípedos em desnível, o casario encardido, aquele ranço de história antiga nas calçadas sinuosas.

A poesia das esquinas mal-assombradas, a magia da noite, o rumor da noite, das noites eternas de São José, noites de Ascenso e minhas também. Lá iam cento e sessenta quilos pisando contra a Rua do Rangel, e ecoando no Beco do Porão, na Rua do Muniz, no Pátio do Livramento, no mercado de São José.

O chapéu branco, branquíssimo, de grandes abas, era o realce único no cenário tenebroso do bairro. A brasa do charuto Cezário Pai lembrava um farol ambulante desorientado, uma tocha solitária entre as sombras fantasmagóricas do desalinhado urbano.

De quando em vez, trovejava no meio do tempo, acordando o bairro. E trovejava mais e mais forte, porque as gargalhadas de Ascenso eram mal-educadas e intempestivas. Ria-se das histórias que ele mesmo me ia contando, sempre, e sempre sobre o bulício de sua infância em Palmares, "uma esculhambação organizada" que teria percorrido alguns milênios. Àquela época (1956), eu não me apercebia deste privilégio: era o único jovem de vinte e um anos amigo íntimo de Ascenso Ferreira. Eu trocara Campina Grande por Recife e aí desembarcara com um único documento: uma carta de Raymundo Asfora me apresentando ao Poeta. Ao encontrá-lo no meio da noite numa roda de chopp d'"O Pigale", após meia

hora de chopp e alguns sonetos, entreguei-lhe a carta de apresentação. Ele recusou-se a lê-la "Diga a Asfora que crie vergonha!". Mas o seu olhar, o seu sorriso e um grande abraço intimaram-me a ser seu irmão siamês.

Pela mão de Mauro Mota logo entrei para o Diário de Pernambuco, onde Ascenso passou a ir apanhar-me invariavelmente a uma hora da manhã. Para nós, era a boquinha da noite. E entre histórias de Palmares, bicadas de cachaça e mijadas em troncos de velhas árvores, surpreendíamos a aurora (no curso da madrugada Ascenso não podia ver uma árvore, assim como um cão não pode ver um poste).

O sol nos encontrava sentados num banco defronte à estátua de Sacadura Cabral, ao lado do Grande Hotel, já no Cais de Santa Ria. Era tempo de continuar a história (sempre interrompida) de como as polacas conseguiram depravar o baixo meretrício do Bairro do Recife, nos primeiros quartéis do século. Mas a garrafa de cachaça ia acabar e a conversa voltava fatalmente para os Palmares.

O Poeta emaranhava suas peripécias de menino com os feitos de Zumbi. Minha cabeça transbordava de Quilombo. Esses elementos interligavam-se aos Palmares da meninice de Ascensão e a cidade passava a ser a mais importante de Pernambuco. Para mim, era Palmares o ponto inicial das importâncias de Pernambuco e adjacências.

Por uma conseqüência natural, tornei-me amigo de Jayme Griz. E a pátria de Zumbi cresceu no meu amor.

Tempos depois, já em 1971, e por circunstâncias de uma profissão que não chegou a ser cometida, fui dar com os costados em Palmares. Chegando à cidade por volta das catorze horas, procurei o Juiz da Comarca. O meritíssimo estava dormindo. Indaguei pelo Promotor Público. Também dormia. O Tabelião poderia facilitar as coisas, mas também, infelizmente, dormia. Todo o Fórum dormia. Voltei desapontado. Morfeu havia tomado conta da Justiça em Palmares. Tornei a ir lá algumas semanas depois e me espantei, porque a cidade estava

acordada demais. De forma que a imagem da urbe continuava a ser, na minha óptica, uma coisa enigmática, nebulosa, desarrumada.

Há alguns meses, porém, "A PRISÃO DE SÃO BENEDITO E OUTRAS HISTÓRIAS", o mais opulento livro que já li em seu gênero, possibilitou-me a visão clara e geral do universo palmarenses.

Nessa espécie de radiografia sentimental e sociológica de sua terra, Luiz Berto simplesmente despe a cidade aos nossos olhos, e assistimos, extasiados, ao espetáculo da humanidade. A dimensão que o livro confere a cada personagem do seu elenco humano – e esse elenco envolve praticamente o município – dá a Palmares um destaque jamais conquistado por outra cidade.

Em cada página de "A PRISÃO DE SÃO BENEDITO E OUTRAS HISTÓRIAS" a comunidade agiganta-se na sua própria humildade e tudo é um burburinho de intensa pigmentação social. E tudo se alinha harmonicamente num conjunto de grandiosidades, circunscrevendo cenas bombásticas de misérias, torpezas, felicidade.

Nunca os tipos populares de nenhum lugar mereceram perfis literários mais precisos. Nenhum deles é caricaturado. São todos fotografados com a exatidão da arte que se pode exigir de um mestre. Luiz Berto os faz desfilar em assombrosa passarela universal, cada um deles com seus cacoetes humanos e suas características congênicas, de maneira que o leitor se assenhora, fundo, do riquíssimo cotidiano local que, em verdade, não é diferente do dia-a-dia de nenhuma outra cidade interiorana. Todas as cidades possuem os mesmos doidos, os mesmos boêmios, os mesmos aleijados, as mesmas prostitutas, as mesmas presepadadas; e os bares, o cabaré, a noite, o clima de vida, o folclore, enfim, são clichês. Tipos populares, portanto, não são privilégio de lugar algum. Ocorre, todavia, que somente Palmares deu um Luiz Berto. E isso explica o fenômeno. É o mesmo que pensarmos o que seria a Bahia sem Jorge Amado.

O fato é que Luiz Guarda, Biu do Tacho, Pimpão, o Velho

Rabeca, Vaca Braba, Telles Júnior, Veludo do Pife, Mané Peito-de-Aço, Amaro ("Cotó"), as ruas de Palmares, a Coréia, o Avião de Paulo Afonso, tudo entrou definitivamente para a história pela magia de um talento que se impõe no cenário atual mais nobre da literatura brasileira.

Tomem nota deste depoimento: nunca li, em nenhum escritor pátrio, nada mais tocante nem de tanta grandeza, nenhuma página mais lírica e eterna do que "Nós, os Meninos de Palmares", com que Luiz Berto inicia "A PRISÃO DE SÃO BENEDITO E OUTRAS HISTÓRIAS". Nesse delírio, o autor, na companhia de Romildo Pilica, Adeildo Baé, Antonio Maromba e Fernando Gata, os meninos mais felizes de todo os brasis, voam nas asas da liberdade rumo a Pirangi. Eles vão flutuando na grande tarde ribeirinha e, aconteça o que acontecer, não importa, eles vão a Pirangi. E eles são os únicos meninos do mundo que podem ir a Pirangi amorcegando estrelas vespertinas da ilusão. Lembrem-se: somente eles, os grandes vagabundos pequeninos, vão a Pirangi, unicamente eles, os "guardiães do vento, vigias do barulho das águas, apontadores de estrelas, gáveas ao vento, imagens do cão, arteiros".

nós, os meninos de Palmares

Uma tarde, vínhamos nós, guardiães do vento e vigias do barulho das águas, caminhando sobre os trilhos que margeavam o Rio Pirangi. Voltávamos do banho. Eu, Romildo Pilica, Adeildo Baé, Antônio Maromba e Fernando Gata. Meninos vadios e andeijos, estradeiros e bons nadadores, como todas as crianças nascidas àquelas margens.

Bem antes de chegarmos ao Engenho Bom Destino, perto de uma casinha onde parávamos sempre para pedir água, veio-me à cabeça um pensamento, claro e límpido, que está bem presente em minha memória, agora enquanto escrevo: "Um dia, daqui a não sei quantos anos, ainda vou sentir saudades deste lugar e deste momento. Deste barulho que a água faz quando se encachoeira nas pedras e desta música que o rádio de pilha da casinha está tocando".

A música era "Vida, vida", cantada por Anísio Silva.

Íamos para Pirangi como se vai a um piquenique, com a alegria e o descompromisso dos que são felizes e que sabem que vão encontrar a felicidade no final da caminhada, um pouco depois da ponte, no Poço dos Homens. Íamos sempre em grupo, tagarelando, incansáveis, com a faquinha amolada na mão, para chupar cana no caminho. Íamos repassando, na conversado mole e em voz alta, os acontecimentos e os fenômenos que faziam o nosso mundo. Um mundo que a gente conhecia de cor e sobre o qual opinávamos e discutíamos com uma autoridade desproporcional ao quadrante geográfico em que crescíamos.

Um mundo escuro de dia, nas chuvas de inverno, e claro de noite, nas épocas de festa.

O mundo dos Palmares.

A primeira parada era no portão do colégio das freiras, cercado de mangueiras envergadas de tanta fruta.

– Seu Pompéia, cadê as mangas?

De lá de dentro, vinha voz do vigia, já de porrete na mão,

enquanto corríamos desembestados pela rua:

– Pompéia é a rapariga de tua mãe, filho de quenga!

Íamos para Pirangi com a certeza de que seríamos mais felizes ainda quando estivéssemos tomando banho, e que a água estaria morna de tanto sol.

No fim da rua, começava o arruado da Usina 13 de Maio, sem calçamento e empoeirado. As casinhas dos operários, iguais e brancas, faziam uma linha que a gente acompanhava com os olhos e ficava pensando quão misteriosas eram as últimas moradas daquela fileira, já distantes e pequenas aos nossos olhos. A vantagem é que a gente estava indo para lá, desencantar aquele mistério e aumentar a nossa felicidade.

À direita, o arruado; à esquerda, a usina e sua chaminé. No meio, íamos nós. Íamos para Pirangi e levantávamos a cabeça para enxergarmos as matas e os canaviais que compunham o horizonte. Caçadores de uma expedição sem surpresas, caminheiros de uma estrada inúmeras vezes batida, anejos de uma aventura, tão bonita, que lamentávamos ser curto o dia para gozá-la.

Depois da usina, vinha a casa rica do usineiro, castelo enfeitado e rodeado de flores. Daríamos tudo para entrarmos ali, só para vermos se por dentro era do jeito que o povo dizia e a gente nem conseguia imaginar. Dali para frente, depois do Engenho Bom Destino, a gente já começava a escutar o barulho das corredeiras, a doce música das águas. E de olhos pros lados e pra trás, porque de vez em quando aparecia um boi brabo, e era uma carreira das pernas baterem na bunda.

A ponte ficava logo depois de uma curva que a linha do trem da usina fazia. Linda, imponente, gigantesca, pintada de encarnado. O seu gradeado lateral enchia os nossos olhos de meninos e nos dava a certeza de que realmente íamos aumentar a nossa felicidade.

O lajedo ficava repleto de roupas que as lavadeiras punham para quasar. Era um formigueiro de mulheres e crianças batendo roupas nas pedras. Que vista mais linda! Que espetáculo

empolgante e barulhento!

Já estávamos em Pirangi. Tinha o Poço das Negras, o Poço dos Homens, o Poço das Moças, e outros mais. Aí, a gente ficava tudo nu, e haja a dar pinotes nas águas então limpas. Onde a gente ficava, logo depois da ponte, havia uma ilhota, que eu já não mais encontrei quando de última vez que lá estive. Nadávamos da ilhota para a margem, e vice-versa. E saboreávamos a quentura e o frescor da água transparente, na tarde calorenta. Lembro-me do Edno a nadar com o traseiro branco boiando e brilhando ao sol.

E nós, guardiães do vento e vigias do barulho das águas, tínhamos consciência de que éramos criaturas e coisas do rio, como as piabas e os acarís, os jundiás e as traíras, os pitus e os aruás, as balsas que desciam na correnteza e os bambus plantados nas margens do Pirangi. Éramos criaturas e animais daquela ribeira, como as cobras, os preás, as cabras, os caçotes, os calangos, os tejus, os caga-sebos e os bois do engenho que pastavam perto da linha do trem. Gozávamos o mesmo calor do sol que batia nas roupas coloridas das lavadeiras do lajedo.

Estávamos em Pirangi, e isso bastava. Éramos todos felizes, junto com os peixes, os bichos, a água, as pedras e as plantas. Mergulhávamos, plantávamos bananeira dentro d'água, brincávamos de macaco e trazíamos do fundo os seixos que pegávamos com a mão.

- Galinha gorda!
- Gorda é ela!
- Vamos comê-la???
- Vamos a ela!!!

E pinotávamos de uma só vez, para pegar a balsa que alguém atirava n'água. Uns de costa, outros de ponta, outros de salto mortal. Eu sempre pulava de pé.

De repente, o trem apitava lá longe, e nós corríamos todos nus para debaixo da ponte, pra balançar os pintos para os passageiros escandalizados que iam para Maceió. Tinha um negrinho que se equilibrava nas palmas das mãos, abria as

pernas no ar e arreganhava a bunda em direção à ponte. Soltava um peido, ficava de pé novamente e ria de rolar no chão.

Camisas abertas, olhos vermelhos de tanto mergulho, cabelos em desalinho e a conversa interminável de sempre, voltávamos nós de Pirangi. Nós, os meninos dos Palmares, guardiães do vento e vigias do barulho das águas. Vínhamos atirando seixos nos calangos que pegavam sol nas pedras, e botando sentido do marulhar do encachoeirado que o rio fazia nas dobras. Arrancávamos touceiras do capim-santo que nascia à beira da linha do trem, para tomarmos chá na hora da janta.

Foi numa dessas voltas do banho de Pirangi, que me ocorreu o pensamento de que um dia eu ainda teria saudades daquele momento. A bem dizer, eu já comecei a ter saudades assim que acabei de pensar e o barulho do rio foi ficando aos poucos para trás.

De volta do banho, íamos nós para o fim de tarde, boca-de-noite que começava a nascer. Íamos nós, apontadores de estrelas, gáveas ao vento, em direção à noite dos Palmares, a invejável noite da Mata Sul de Pernambuco.

Íamos para a noite dos Palmares como se vai a um território mágico para desencantar mistérios. Depois de lavar os pés e tomar café, sentávamos no meio-fio e ficávamos, horas perdidas, a ouvir as histórias de trancoso de Dona Cenira. E nos espremiávamos uns aos outros, para disfarçarmos o medo que nos davam as histórias dos pescadores da madrugada, de Pé-de-Espeto, da mula-sem-cabeça, da casa mal-assombrada e das almas que apareciam pedindo rezas.

Campeávamos essa noite traquinas que, de tão comprida, se tornava transparente em seus mistérios. Do mercado às Pedreiras, da Viração ao Maurity, era um pinote só, nas correrias da brincadeira de macaco. Éramos exímios corredores, e pisoteávamos com leveza as pedras irregulares do calçamento. O suor gotejava pelo couro, e era um trabalho na hora de entrarmos em casa para dormir.

Nas noites de São João (e nas noites de qualquer santo), a

nossa felicidade era maior ainda. Era pouca a pólvora de Pimpão no fabrico de traque-navio, estrelinha, peido-de-velha, bombinha, bomba e bomba travaliana. Em cada casa uma fogueira.

- São João disse!
- São Pedro falou!
- Vamos ser compadres!
- Que Jesus mandou!

Pronto. Estava selado um compadrismo que durava a vida toda, mais cimentado que os de igreja. E nós, meninos dos Palmares, saíamos de casa em casa a nos regalarmos com a comida daquela época e daquele tempo: munguzá, canjica, pamonha, milho assado e cozido, bolo de milho, pipoca, o diabo a quatro. Comíamos desembestadamente, e apostávamos para ver quem agüentava mais coisas na barriga.

A noite fica pontilhada de balões, foguetes e estrelas, mais brilhosas quando vistas através da fumaça das fogueiras. O tiro de ronqueira nos deixava surdos momentaneamente, mas era o mais gostoso porque preparados por nós mesmos.

Nessa noite mágica dos Palmares, é de se destacar a felicidade que sentíamos no dia 8 de dezembro. Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira, mãe e madrinha. Vestíamos a roupa nova e saíamos com o bolso cheio do dinheiro que ganhávamos de nossos pais. De tarde, já estava tudo pronto, e, a partir das 6 horas, começavam a chegar os caminhões e ônibus com o povo dos engenhos e cidades da região: Ribeirão, Gameleira, Cortez, Joaquim Nabuco, Colônia de Leopoldina, Água Preta, Xexéu, Catende, Maraial, Bonito, Panelas de Miranda, Belém de Maria e mais uma porção de lugares. O povo da rua descia lá pelas sete e meia, oito horas.

E nós, apontadores de estrelas, gáveas ao vento, meninos dos Palmares, mergulhávamos naquela festa com o ardor e a disposição que púnhamos em todos os nossos empreendimentos. Bebíamos até a última gota naquele pote de felicidade. Andávamos na roda-gigante, balançávamos no bote, ouvíamos

os dobrados da Banda 15 de Novembro, e nos deliciávamos com as putarias do Pastoril do Velho Rabeca, instalado numa ponta-de-rua para não escandalizar as famílias.

E nos apaixonávamos eternamente, perdidamente, pelas meninas do pastoril infantil.

"Boa noite, meus senhores todos,
E boa noite senhoras também.
Somos pastoras, pastorinhas belas,
Alegremente vamos a Belém".

E, lá embaixo, estávamos nós a torcer pelos cordões e a ficar intrigados, de sangue e fogo, por causa das disputas.

– Azul, azul!!!

– Encarnado, encarnado!!!

A Diana tinha metade de cada cordão e seu vestido era feito das duas cores.

"Sou a Diana, não tenho partido,
O meu partido são os dois cordões.
Eu peço palmas, peço bis e flores,
Aos partidários peço proteção".

O Pastor e a Borboleta completavam a boniteza do pastoril.

"Borboleta pequenina,
Saia fora do rosal!
Venha ver cantar um hino,
Hoje é Noite de Natal".

"Eu sou uma Borboleta,
Pequenina, feiticeira,
Ando no meio das flores,
Procurando quem me queira"

Noite mágica, incomparável noite dos Palmares. Tangíamos nossa felicidade madrugada adentro e, quando dormíamos cedo, marcávamos a pelada para as cinco da manhã no Campinho do Careca. Um de nós era escalado para acordar os outros a partir das quatro e meia. E lá íamos em bando, ainda sonolentos, bola embaixo do braço e o peito cheio de alegria.

Por mais uma manhã que nascia e mais uma pelada para bater. Quando chovia, era uma beleza: o campinho ficava que era uma poça de lama só. Voltávamos enlameados dos pés à cabeça, para o banho que antecedia o café da manhã. Éramos felizes, mais ainda, durante aquele café que vinha após a pelada e após o banho. Com que alegria atacávamos a mesa forrada com uma toalha xadrez: pão crioulo, pão francês, ovo frito, inhame, cará, manteiga, banana, mamão, café e leite.

E nós, meninos dos Palmares, imagens do cão e arteiros, estávamos prontos e saciados. Prontos para mais um dia de felicidade. A bem dizer, não havia intervalos em nossa alegria, e qualquer tempo, manhã, tarde, noite ou madrugada, era tempo de felicidade. De folguedos e de magia. Fosse chuva ou fosse sol.

Na chuva, grossa e pesada chuva da Mata Sul, tomávamos banho de bica, e desafiávamos os relâmpagos e trovões, correndo de calção pelas ruas. Fazíamos tapagem para barrar a água que corria rente ao meio-fio e, finda a chuva, saíamos a dar caça aos sapos cururus que pululavam aos montes.

Molhavámo-nos com aquela água gelada que vinha dos céus, como qualquer um dos bichos que habitavam naquele lugar. Éramos criaturas livres da natureza que, de tão felizes, tínhamos uma reserva inesgotável de energia. Éramos eternos e tínhamos consciência da nossa felicidade.

Varávamos as noites, os dias, as ruas e as águas daquela cidade, estuporados de alegria e felizes como ninguém nunca foi nem será. E tínhamos razões e tempo para tanto: as amendoeiras do Ginásio Municipal, as moças com farda de normalista do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, os passeios em redor do jardim no Domingo à noite após a missa, os filmes de Oscarito no Cine Apolo, os desfiles do dia 7 de Setembro, a chegada do trem de Recife às 8 horas da noite, o corre-corre nas cheias do Rio Una, os fins de tarde, quando terminavam as aulas e as ruas se enchiam de estudantes, a roda do camelô nas feiras do Domingo, a passagem de ano na igreja junto com a família, o

caldo de cana do pavilhão de Tertuliano, a pelada no campo do Senai, os jogos de futebol no campo do Ferroviário, o piquenique de final de ano escolar, as excursões para a Praia de Tamandaré, a festa do cemitério cheio no Dia de Finados, o caixão da caridade que transportava os defuntos indigentes e que ajudávamos a empurrar pelas ruas, as rodas no oitão da igreja nas conversas de safadeza, as missas solenes, a festa do ancião no Abrigo São Francisco de Assis, o Guerreiro de Veludo e o Caboclinho de Rabeca, os blocos no carnaval, os bois brabos que iam para o Matadouro, os passeios no Engenho Paul, as carreiras do vigia no partido de cana, as morcegadas nos caminhões de carga, os shows de rua que os políticos preparavam nas campanhas eleitorais, as petecas que usávamos para abater passarinhos, as provocações que fazíamos para ouvir os palavrões da Velha Língua-de-Aço, a rodinha em frente à barbearia de Babel, o medo do tarado Gabriel, as lições de catecismo de Dona Carminha, os cascudos de Padre Abílio nas procissões e... E nem sei mais o quê. Era tudo que acontecia. Tudo era uma felicidade só.

Um tempo tão bonito, que não se apaga nunca. Trago-o vivo até hoje e tenho a impressão de que eu morro e ele fica, perpetuado numa lembrança que flutuará sempre no ar.

Nós, meninos dos Palmares, homens do mundo, espalhados por esta Terra imensa, fazemos vivo aquele tempo no abstrato desgarrado de nossas saudades.

Podemos até ser infelizes hoje. Mas somos repositório de uma felicidade inextinguível. Guardiães do vento, vigias do barulho das águas, apontadores de estrelas, gáveas ao vento, imagens do cão, arteiros.

Nós os meninos dos Palmares.

o circo de Pimpão

Eu me lembro que ele tinha uma olhar conformado e andava sempre com o cigarro aceso no canto da boca. Era cotó de uma perna, na altura de um pouco abaixo do joelho. Usava uma só muleta, onde escanchava o cotoco no pau que a arqueava ao meio quando estava parado, de sorte que ficava com os braços livres para conversar.

Das lembranças que guardo de menino, uma das mais caras é a silhueta de Pimpão, recortada contra a ladeira do Matadouro. A roupa sempre encardida e, tanto quanto me lembro, a alpercata de couro cru da mesma cor do barro da ladeira.

Sempre tive uma predileção especial e misteriosa pelos mutilados, tronchos, coxos e cegos de todos os tipos e variedades. Por via de consequência, eu estimava Pimpão em um grau mais alto dentro da escala de querer bem aos tipos que compunham a paisagem humana de Palmares. Aliado a isto, minha admiração era aumentada pelo que tinha de lúdica e mágica a atividade que lhe dava o pão daqueles dias ensolarados e noites calorentas. Ele era fogueteiro de profissão, e, me parece, a perna fora arrancada no estouro de uma bomba. Os meninos é que diziam. Da boca dele, eu nunca ouvi; nunca tive coragem de perguntar.

Tirante o povo rico, a gente do comércio, que dispunha de dinheiro para comprar fogos industrializados, marca Caramuru, o resto, a maioria, se abastecia para o São João com os produtos manufaturados pelo Pimpão. Bomba, busca-pé, peido-de-velha, foguetes, traque-navio, pólvora para ronqueira, estrelinha, lágrimas de Nossa Senhora, mosquetão. De tudo, por fim.

Nas festas de santos e como tem santo naquela terra! era cada pipoco de entupir o oco do mundo. O foguetório comia no centro e riscava de fogo e fumaça o céu azul daquelas noites

festivas. Bonita mesmo era a festa do dia 8 de dezembro. Os fogos de artifício encantavam os olhos e eram disparados a partir do toque da brasa no cigarro de Pimpão. Ele ficava a poucos metros da armação que sustentava a parafernália, as faíscas lhe banhando, os olhos brilhando de alegria e do reflexo dos fogos. Não tinha coisa mais linda. Dê por visto um andor enfeitado!

Pois aconteceu que se deu de falar que Pimpão ia construir um circo. Com lona e mastro. De começo, um corruchiado sem cabimento; depois, a conversa foi engrossando, e, por fim, os preparativos da empreitada dominavam a cidade. Um ruge–ruge festivo que contaminava predominantemente os moleques.

Estabeleça–se que todas as coisas do interior naquele tempo eram encantadas. Mas dentre todos os objetos encantados, o circo ocupava posição de proeminência e destaque naquele cipoal de coisas mágicas e misteriosas. O anão, o palhaço de cara lavada durante o dia, os trapezistas, as rumbeiras que lavavam panos nas barracas do circo, os filhos dos artistas com sotaques de outras terras e os chapas que armavam a lona e pegavam mulheres na zona compunham um painel tão colorido e rico, que esborravam no entendimento dos meninos e os faziam responder com gritos vibrantes às safadezas puxadas pelo homem das pernas–de–pau, perpetrando sua propaganda pelas ruas.

Pimpão, encantado por via de sua arte de fogueteiro, subiu na escala de bem–querença e tornou–se duplamente misterioso. Logo, passou–se dos rumores para a certeza plena e ele seu cigarro, sua muleta e seu aleijão passou a desfilar pelas ruas ostentando a nova condição, sério, convicto, compenetrado do peso e da pompa da gerência de tão encantado e festivo empreendimento. Tire por certo que não ficou vivente daquela praça que não tivesse levado uma prosa sobre o circo que estava nascendo. E, da conversa para a participação na empreitada, foi só triscar. Pimpão começou a costurar a lona com os sacos de açúcar vazios dados pelos comerciantes. As cadeiras, tronchas e

toscas, foram feitas a partir de caixotes do Sabão Jabacó. Empreitada difícil e de caro orçamento foi o mastro que sustentaria a cobertura. Isso foi resolvido de maneira simples, deliberando Pimpão que o circo ficaria descoberto, bastando ter lona ao seu redor. A cobertura viria mais tarde, muitas léguas depois, em meio à prosperidade que todos queriam e já vislumbravam. E nas Pedreiras, o sonho foi tomando jeito e forma: a área circular capinada a vigorosos golpes de enxada. Foram nascendo os poleiros de tábuas brutas e as cadeiras da primeira classe. Os sacos, costurados uns aos outros, iam construindo a lona, colorida de branco, carimbada com os nomes das usinas de açúcar. Mão-de-obra incansável e graciosa, a garotada não tirava por baixo, e ajudava com competência. A participação direta no nascedouro da empresa, o contato com os problemas que iam surgindo não chegaram a abalar o encantamento e a aura do circo.

A troupe foi-se formando à medida que a construção ia tomando pé. Estácio, malandro de jogo e camelô competente, seria o mágico. Em que pese ser seu número uma tampinha de garrafa que ora sumia de uma mão e aparecia em outra, ora saía do ouvido, ora era arrancada do nariz, nada lhe tirava a estampa e a pose de um Mandrake de chapéu Ramezoni, a demonstrar pelas esquinas o número que iria exhibir no circo. Antevia a glória e as viagens:

– Do estrangeiro, nós manda lembrança.

Irmão de Dudé, assim conhecido por ser apenas o irmão de Dudé, presepeiro que ofuscava até o nome do irmão, era o domador de feras, a passear orgulhoso com a cachorra Xolinha. A cachorra tinha uma fita encarnada no pescoço, e pisava lépida, não tinha que ver mesmo uma artista de circo. Tal e qual Estácio, Irmão de Dudé também não agüentava a ansiosa espera do dia da estréia, enquanto se construía o circo, e demonstrava nas ruas o número que iria apresentar. Enchia os olhos de Xolinha com um olhar furioso e berrava:

– Cu pra riba!

E a cachorra se punha espichada, jogando pro alto as patas traseiras e se equilibrando com as duas da frente. Encantava os curiosos. Irmão de Dudé impava de orgulho e se danava a falar dos leões e elefantes que iria treinar, assim chegasse o circo à África de Tarzan.

As rumbeiras seriam recrutadas entre as raparigas da Coréia, as mais bonitinhas que dançavam no Pastoril do Velho Rabeca.

E só. A não ser que se desse ouvido aos comentários de que Pimpão, cotó de uma perna, ia ser o equilibrista, atravessando o picadeiro num arame, amparado por sua muleta. Ele não desmentia os rumores e alimentava o falatório. Comandante sereno, capitaneava o empreendimento que ia tomando formas, ora mais ligeiro, ora mais lento, mas sempre cercado de entusiasmo e carinho. O circo era de Palmares, e todos torciam por seu sucesso.

A estréia foi retumbante, realçada pela luz frouxa dos lampiões de carbureto. Algumas cadeiras quebraram, os meninos entraram por baixo da lona, mas a maioria pagou e a renda alteou ainda mais os sonhos de grandeza da troupe. Estácio e Irmão de Dudé espicharam como puderam os seus números, metidos em suas roupas novas de artistas, feitas de chita colorida. A cagada de Xolinha no meio do picadeiro, nervosa como toda prima-dona, não tirou o brilho do espetáculo.

Mas a alegria chegou mesmo foi com o número das rumbeiras, que preencheram o restante do espetáculo cantando e dançando, acompanhadas pelo pífano do competente Goelinha. Os espetáculos continuaram cheios durante a semana; o público prestigiava e estimulava Pimpão, comandante, dono, bilheteiro, vigia e animador. Estácio gozava as delícias do sucesso e andava durante o dia com um ar misterioso. Até incorporara umas expressões estrangeiras ao seu número – tupi-guarani, segundo ele – que repetia enquanto a tampinha bailava em seus dedos:

– Virêite e fonceonêiti.

Irmão de Dudé dava tratos de estrela a Xolinha, que andava agora com uma calcinha de rendas enfiada no traseiro.

– É pra guardar o priquito dela, senão os cachorros emprenham a bichinha.

E completava inchado, engolindo corda do povinho:

– Tás pensando o quê? É cu de artista!

Finalmente, a despedida. Chegado o dia da partida, o povo parou para ver a desmontagem da obra. A Prefeitura cedeu o caminhão do lixo para a primeira viagem. Catende, três léguas na frente, seria o começo de uma série infindável de paradas. Um mundão sem fim a ser percorrido, terras estrangeiras e nacionais. Um universo. Promessa de glórias, de fortuna e de muitos aplausos.

Enquanto as tábuas eram jogadas na carroceria do caminhão, Pimpão comandava e monologava, como se não estivesse vendo o povo ao seu redor.

– Vou m’embora. Só torno rico e com um circo grande. Vai levar muitos anos até eu voltar.

Pimpão, Estácio e o motorista na boléia. O resto, inclusive as rumbeiras, se arranchou na carroceria, por cima das tábuas. O motor foi ligado. Choveram adeuses; os artistas olhavam as casas, que só voltariam a ver num futuro que eles não sabiam quando. Só sabiam—no venturoso e rico. Xolinha latia e Irmão de Dudé ainda estralou uma banana para a multidão que ficava para trás.

– Nunca mais vocês vão manganar de nós, seus cornos.

* * *

Por muito tempo depois, Pimpão ainda trabalhou seus traques, foguetões e bombas.

A temporada em Catende foi um fracasso total e humilhante. Até fome passaram. Pimpão, eu não garanto, mas os outros voltaram a pé. Alguns ainda conseguiram bigu na estrada. As tábuas e a lona ficaram por lá mesmo: não arranjaram comprador, nem puderam pagar o transporte de volta.

Até chover, choveu.
Durou uma semana a primeira e última viagem.

as ruas e seus nomes o caixão da caridade

AS RUAS E OS SEUS NOMES

As ruas têm uma geometria própria e indecifrável, cuja razão de ser escapa ao senso comum. Evidentemente, não estou me referindo às ruas determinadas pelos modernos conjuntos residenciais construídos pelo governo, as malfadadas "cohabs". É um curioso exercício tentar adivinhar o senso de ordem das autoridades que, em remotas eras, estabeleceram o traçado que até hoje permanece. Ou terá sido o próprio povo, com sua lógica peculiar, quem determinou este curioso plano urbanístico? Existem quarteirões triangulares que afunilam as casas localizadas nos vértices, e ruas nas quais só cabe uma carroça. Se dois carros se encontram, um deles terá que dar à ré para o outro passar. Existem praças com nome de rua e ruas que se confundem com a praça, não se sabendo onde acaba uma e começa a outra. Existem becos que foram batizados pela Prefeitura com o nome de avenida, e ruas que não passam de becos. E há pelo menos um beco sem saída: é a Rua do Araticum, que faz divisa com a Rua do Limão. A Rua do Limão faz fronteira com a Coréia, onde está localizada a zona boêmia. Esta, por sua vez, vai até as vizinhanças do Beco do Esconde-Negro, e este acaba exatamente na Rua do Ferro de Engomar.

A origem dos nomes de alguns logradouros está contida neles mesmo: Beco do Mijo (ou do Mictório), Beco da Tapa, Rua dos Cornos, Beco da Bosta, Matadouro, Rua do Capim, Rua da Linha (do trem) e Rua do Açude. Outros não são tão fáceis de adivinhar: Rua do Parafuso, Rua da Viração, Rua do Cu do Boi, Beco do Mulungu, Rua do Papel, Rua Nova, Rua do Sabão, Rua Teimosa e Rua do Galo.

Evidentemente, nem todas estas denominações são

oficiais, reconhecidas pela Prefeitura. Ao contrário, uma parte delas foi estabelecida por um poder bem mais forte e competente, que é o poder do povo.

Alguns nomes são poéticos: Rua da Boa Vista, Rua da Aurora, Rua do Bom Destino, Rua da Palma, Rua da Soledade e Alto da Saúde.

Alguns locais têm os nomes de figuras que pertencem à história da cidade: Coronel Austriclínio, Tenente Everaldo, Coronel Izácio, Letácio Montenegro, Vigário Bastos, Bispo Dom Pereira Alves, Coronel Pedro Paranhos, Conselheiro João Alfredo, Vigário Freire, Viúva Luzia Pedrosa, além de uma Rua Humbert Minkewitz e outra John Kennedy. E tem mais, muito mais, ruas com nome de gente. Fiquemos nestas.

A Praça da Luz não é nenhum ponto de encontro de esclarecidos ou de filósofos: tem este nome, porque é lá que se localiza o escritório da companhia de eletricidade.

Já a Rua do Ancião não tem nenhum velho. Trata-se do seguinte: há muitos anos, o Prefeito começou a instalar um gigantesco gerador para dar eletricidade a Palmares, e marcou a data em que deveria ser inaugurado: 27 de setembro, Dia do Ancião. Logo, a Oposição, descrente do cumprimento do prazo, apelidou ironicamente o gerador de Ancião. Mas quem pegou o nome foi a rua onde está localizado o motor. Nome oficial, constando do catálogo da Prefeitura.

A Rua da Notícia é assim chamada porque lá funcionava um jornal semanal com este nome.

E tem também os locais batizados com datas: Rua 8 de Dezembro, Rua 1 de Maio, Rua 1 de Janeiro, Rua 15 de Novembro, Rua 6 de Janeiro, Rua 7 de Setembro, Rua 13 de Dezembro, Rua 13 de Maio e Rua 21 de Abril.

O bispo da cidade construiu uma casa no alto da ladeira do Matadouro, deixando o conforto do palácio no centro da cidade. Dos fundos desta casa, despenca um enorme vale, de linda vista e ladeiras íngremes, que foi sendo rapidamente povoado com as taperas que os menos afortunados construía. O local cresceu,

se encheu de gente, foi calçado pela Prefeitura e recebeu o nome mais apropriado, em consequência de sua localização: Buraco do Bispo. Nada mais correto para um bairro que se localiza nos fundos da Casa Episcopal.

E, para encerrar, só mais este: existe lá um beco que é um traço de união entre uma rua de família, no centro da cidade, e a zona do baixo meretrício. Os homens vêm de fininho, disfarçando, entram no beco e reaparecem já na zona. Daí o seu nome: Beco do Engole-Homem.

O CAIXÃO DA CARIDADE

A gente o avistava quando ele já vinha mais ou menos no fundo da igreja, logo após ter pego sua carga no Hospital Regional. Não tinha hora certa, mas geralmente passava no meio da tarde. Nós largávamos a nossa brincadeira e disparávamos ao seu encontro.

O caixão da caridade era grande, largo, de flandre, feito de tal modo que pudesse abrigar defuntos de quaisquer medidas. Era mantido pela Prefeitura e destinava-se ao transporte de indigentes que morriam no Hospital e cujos corpos não tinham donos. O caixão ia em cima de uma carroça especialmente construída para aquele fim: retangular, sem grandes laterais e com apenas duas rodas no meio; ao seu redor, uma armação de canos de ferro, a partir da qual era tracionada pelas mãos calosas dos varredores de rua.

Os trabalhadores da prefeitura, que o arrastavam, se sentiam aliviados quando nós, os meninos, chegávamos em bandos, gritando, prontos para fazer a parte mais difícil do trajeto: a suave e comprida inclinação da Rua Coronel Austriclínio e, a seguir, a abrupta ladeira do Beco do Cemitério.

Os homens iam apenas acompanhando, enquanto nós empurrávamos o defunto em seu último passeio neste mundo. As pessoas cruzavam indiferentes com o álcere cortejo; alguns

homens tiravam o chapéu, e algumas velhas se benziavam. O fato é que fazíamos muito barulho e galhofa, ziguezagueando com a carroça, tirando fino no meio-fio, tentando atropelar os cachorros que cruzavam a rua e investindo contra as pessoas que estavam nas calçadas. Às vezes, o caixão ameaçava cair e era necessário que parássemos para ajeitá-lo. Os trabalhadores da Prefeitura não se importavam com nossa anarquia, pois, afinal, prestávamos-lhes um favor, aliviando-os daquele fardo sob o sol inclemente.

Compúnhamos o cortejo fúnebre mais alegre e galhofeiro que poderia almejar qualquer defunto. Alegrávamos com nosso excesso de vida a morte de quem em vida tanto sofrera: em geral eram pobres dos campos e das cidades que levávamos no caixão da caridade. Magros, incrivelmente esqueléticos, roídos pela fome secular da Zona da Mata, morriam abandonados no Hospital Regional, sem nome, documentos ou parentes para providenciar rezas e mortalha.

Inchávamos de vida, alegria e zombaria a morte daqueles que carregaram a existência na tristeza, na fome e na injustiça.

A carroça pinotava sobre as pedras do calçamento e sacolejava o caixão de flandre.

Às vezes, vinham dois, três defuntos em uma só viagem, tão magros eram seus corpos. Os homens, invariavelmente nus da cintura para cima, vestidos apenas com o ceroulão de brim ordinário do Hospital.

Havia dias em que o caixão dava mais de uma viagem, quando a Morte trabalhava com mais ligeireza no seu roçado. Quando isto acontecia, voltávamos do cemitério com o caixão vazio e íamos só até ao portão lateral do Hospital, por onde a carroça entrava e sumia, a fim de apanhar o próximo passageiro. Na tácita divisão de tarefas entre nós e os trabalhadores da Prefeitura, não nos competia apanhar o defunto na pedra, lá dentro. Mas o resto ficava por nossa conta.

Na subida da ladeira do Baco do Cemitério, redobrávamos as forças para vencer a etapa final. A gritaria e a irreverência

prosseguiam:

– Segura o defunto!

– Vamos chorar, minha gente!

No cemitério, já estava o Moura de plantão, pitando seu eterno cigarro de palha, enxada nos ombros e pés descalços.

Tirávamos o caixão de cima da carroça e o encostávamos na beira da cova. Retirávamos o tampo e, só então, vínhamos a conhecer o defunto a quem havíamos prestado o último favor. Na maioria das vezes, emborcávamos o caixão, e o corpo rolava para o buraco com um baque surdo. Às vezes, segurávamos o ex-vivente pelas pernas e pelos braços e o balançávamos antes de atirá-lo à cova.

– Um, dois, três, já!

E o infeliz fazia uma curva no ar e se ajeitava de qualquer maneira na sua última casa, pronto para o descanso que não obtivera no mundo dos vivos.

A maioria era de morte morrida, mas havia também os de morte matada: peixeirada e, principalmente, foçada. De tiro, nunca, pois era morte de rico, gente capaz de dispensar os favores do caixão da caridade. Estes, os de morte matada, sujavam o caixão com o sangue de seus ferimentos; alguns vinham mutilados pelos fundos cortes da foice. Traziam sempre uma expressão dor, a última, no rosto.

Ajeitados de qualquer maneira na cova, conforme a posição em que caíam quando os jogávamos lá dentro, em contato direto com a terra, estavam prontos para ir de vez com seus corpos deste para outro mundo.

Com as mãos, com os pés e com a enxada do coveiro Moura, cobríamos o morto de terra. Socávamos bem a terra fofa e, acabada a tarefa, lavávamos as mãos numa torneira que havia perto da Capela.

Já saíamos do portão para fora aos gritos e carreiras. Afinal, havia um dia lindo pela frente. Um dia para brincarmos e vivermos.

os nomes das pessoas o velho Rabeca

OS NOMES DAS PESSOAS

Difícilmente, você encontrará alguém sendo chamado pelo santo nome de batismo. Quando isto acontece, pode esperar que vem o longo o complemento, o apelido sintético, sempre derivado de uma expressiva faceta do dono: uma mania, um aleijão, um jeito ou um defeito. Raramente, uma qualidade. Alguns são difíceis de decifrar, e outros estão à vista. O fato é que se tornam indissociáveis dos possuidores e vão além da própria morte.

Lá você vai encontra (a pessoa ou a memória: alguns já partiram) Biscoito Duro, Urubu Viúvo, Cueca Engomada, Tosse de Cachorro, Bava-Ovo, Ampulheta, Cheira-Peido, Calça Mole, Muriçoca, Pedro Teimoso, Carlinho Catimbozeiro, Matias do Porco, Sula, Vavá Doido, Amendoim, Orlando dos Bois, Zé das Moças, Urso Branco, Tigela, Jipinho, Mirata, Nenê-Balança-os-Cachos, Pé-de-Quilo, Abano, Mané Doido e Mané Peito-de-Aço.

Na Coréia, zona boêmia, os nomes das putas são saborosos: Maria do Sinal, Porca Russa, Edileuza Beira-Rocha, Ministrão, Macaca de Damos, Aranha, Vaca Braba, Miriam Escrota, Amara Pé-de-Pato e Maria Cu-de-Calo.

Estranha razão teria determinado o apelido daquele pacífico carregador de fretes: Manoel Rabo Fino. E tem mais: Decente, Feiúra, Zé da Brahma, Homem de Bem, Luiz Meu Avô, Luiz Sem-Vergonha, Veludo, Zezé Pentelho-de-Burro, Saturno dos Burros, Biu do Tacho, Piabinha, Manoel Cabelo-de-Rato, Boi Brabo, Rabeca e Bicho-Bom.

E tem mais. Muito mais. Mas os outros, eu não besta de contar. Vá lá e pergunte pro povo os apelidos das autoridades

municipais.

Antes que você ganhe o seu.

O VELHO RABECA

Quando o Caboclinho despontava no começo da rua, ele vinha na frente, pinotando feito um cão, com seu cocar de penas que ia até a batata da perna. Mulato alto, musculoso e forte, queixo saliente e calva pronunciada. Impunha respeito pela figura, e ninguém se aventurava a anarquizar seu cordão; seus cascudos eram temidos pelos moleques.

Em duas fileiras, uma em cada lado da rua, o Caboclinho evoluía devagar. Os negrinhos da família Piabinha eram os melhores, mais ágeis dançarinos. Suas canelas, magras e azuis de tão negras, pareciam dois espetos a pinotar no calçamento. Passos difíceis e que exigiam disposição. Ora em pé, ora agachados, marcavam o ritmo com os arcos enfeitados nas mãos, feitos de aro de barrica de bacalhau.

Rabeca vinha no meio, comandando com seu apito. Chefe de Nação, guerreiro valente e disposto, empurrava sua tribo pelas ruas. Sua filha, já mocinha naquele tempo, era a índia que levava a bandeira colorida da tribo; um leiteiro dourado domina o pavilhão: Caboclos da Floresta.

Rabeca marcava o ritmo no apito e puxava os cantos de guerra:

- Pilombá!
- Rainha do Mar!
- Pilombá do pé de pena, inação de Jurema!
- Taquarandacaçu!

E segue com seus cantos misteriosos, liderando seus índios, alegrando o carnaval. Só perdia a compostura quando algum moleque gritava para sua filha:

- Dança direito, Fuzarca!

Rabeca identificava o audacioso, largava o cordão e

disparava no seu rumo.

– Vou te mostrar quem é Fuzarca, seu filho de rapariga.

E só parava quando conseguia alcançar o infrator e lhe aplicar um dos seus temidos cascudos.

Atrás, vinha o tarol do Goelinha, com seu toque de guerra, ligeiro e nervoso, fazendo os caboclos pular e responder aos gritos de Rabeca.

Nas praças, eles paravam e travavam combates, os arcos se cruzando no ar, e os guerreiros improvisando incríveis jogos de pernas. Era uma beleza o brilho das vistosas penas coloridas. Rabeca no centro, majestosa figura, majestoso cocar.

A tribo era na sala de sua casa na Rua do Esconde–Negro. As paredes pintadas com caras de índios, bandeirolas penduradas nos caibros, arcos e flechas pelos cantos. Os caboclos e caboclas ela recrutava entre as crianças, rapazolas e moças mais pobres, miseráveis que não tinham acesso aos cordões da sociedade. Viviam seus momentos de glória no período de carnaval. Os Piabinhas eram destaques e ensinavam os novatos; sabiam todos os passos e respondiam qualquer cantiga puxada pelo chefe.

Mas não se resumia nisso a arte de Rabeca. Nas festas de rua, ele se transformava no Velho debochado e irreverente a comandar seu pastoril. Instalava–se num tabuado sobre quatro tonéis, numa ponta de rua para não chocar as famílias, e haja encher o mundo com as suas safadezas, tiradas e anedotas. As pastoras, recrutadas entre as putas mais habilidosas e cantadeiras da Coréia, vestiam uma saia curtinha e dançavam de se acabar.

Do alto do palanque, ele via aquele mundo de gente que vinha todas as noites aplaudi–lo junto com as pastoras, ouvir suas putarias e pilhérias, rir das safadezas que ele trazia na cachola ou inventava na hora. Diz–se que antigamente era mais movimentado ainda, que o povo prestigiava e dava dinheiro com mais empenho. Também, naqueles tempos, o povo não vivia na carestia que depois veio dominar o mundo. A muniça e os de menores recursos para o sustento sempre viveram no atoleiro e

no arrocho, mas nunca negaram o corpo para um frege, nunca se fizeram ausentes numa vadiagem de qualidade, como bem é um pastoril de mulheres.

No dia 8, festa da Conceição, o mundão de gente, o povinho, cercava o palanque de Rabeca. Os homens gritavam seus pedidos de continuar ou parar as músicas das pastoras. Ele tinha trabalho de localizar os gritos no meio da multidão.

– Vinte mil-réis pra Mestra cantar!

– Trinta pra dançar!

Ele ficava tal e qual confeito na boca de velho, atrás dos homens que gritavam, ajuntando o dinheiro pingado. E tinha munheca bastante para enfiar no pé-de-ouvido de cabra safado que fazia pedido e se escondia para não pagar. Não é porque se falam putarias que um pastoril vai virar cu-de-mãe-joana. Se o Velho não é bom e de pulso, acaba-se o respeito e a festa não rende. No Pastoril de Rabeca nunca houve desmoralização. No palanque, as pastoras têm que ser respeitadas; quando descem dele, aí sim, o Velho não tem nada com isso: podem se enxerir com quem quiser, mesmo porque ele não é cadeado do priquito de mulher-dama nenhuma. Além do mais, elas ainda ganhavam um dinheirinho por fora nas viagens, fazendo a vida com os homens que se apaixonavam nas noites de festa.

Rosto pintado de palhaço, calças folgadas e vistosas, e um pau retorcido, a mandioca, à guisa de bengala, Rabeca comandava a animação e puxava cantigas.

Saí com minha noiva

Botei a mão no queixinho

E a pastora, se remexendo, langorosa, se entregando:

Meu velho, é mais embaixo

Meu velho, é mais embaixo

É mais embaixo um bocadinho

O povo estourava de rir e contagiava o espetáculo

O cachorro quando late

No buraco do tatu

Bota espuma pela boca

E chocolate pelo...

As reticências e a pose de Rabeca valiam mais que as palavras. A alegria dominava o povo, o dinheiro pingava e enchia o bisaco do Velho.

Pastoril mais bonito não tinha.

* * *

Volto a Palmares hoje, e tenho dificuldades em localizar a casa da Rabeca. Ninguém sabe onde é, alguns não o conhecem. Descubro-o no Alto de Santo Onofre, morando no fim de uma ladeira quase em pé. Ladeira enlameada, esburacada, meninos nus brincando nas poças junto com os bacorinhos.

A sala igual à da antiga casa na Rua do Esconde-Negro: tambores, arcos, flechas, bandeirolas e desenhos nas paredes. Uma tapera dividida em sala e cozinha, baixa, de chão batido e reboco. Miséria colorida pelos cocares pendurados na parede. Quase sem enxergar, voz rouca e cansada, pouco tem do Velho saudável e saltador de antigamente. Pede desculpas pelo desconforto e pela minha lembrança sobre os cascudos que havia levado dele quando menino.

– No senhor??? Oxente, e eu fiz isso?

Era apenas uma sombra raquítica do Rabeca de outros tempos.

– Bem que eu queria, mas não tenho mais força pra botar os caboco na rua. Num enxergo direito e num agüento mais pular. Um óculo é muitos milhão; mesma coisa os remédios. Rabeca era Guarda da Prefeitura e andava com uma farda cáqui, tabica na mão, a vigiar os jardins. Usava uns óculos escuros, que lhe tornavam a aparência mais assustadora.

– Recebo nove milhão por mês da aposentadoria da Prefeitura. Não dá pra eu comer; é muita boca aqui dentro. Na sala, um monte de molequinhos, todos da segunda família. Veio-me à lembrança a imagem de Fuzarca carregando a bandeira do Caboclinho. Pergunto por ela.

– Casou-se e tá em São Paulo; nunca tive notícias dela. O rapaz mataram; ói o retrato dele ali na parede. Mataram sem quê

nem pra quê; um rapaz tão bom...

Instigado pelas minhas perguntas, ele vai-se soltando e contando histórias de outros tempos. Voz rouca, figura cansada. Amargura-me contrastá-lo com o mulatão esguio do Caboclinho e do Pastoril.

– Hoje em dia, se eu saio com a lista pedindo dinheiro pra botar os caboco na rua, recebo é pilhéria. Nem o comércio nem o governo me ajuda. O povo também não liga. Pastoril, nem se fala: num existe mais pastora boa. Antigamente, era umas pastoras de respeito: Amara Pé-de-Pato, Muriçoca, Aranha e Amara Brotinho. Minha mulher ainda dança, mas não tem outras pra ela ensinar.

A mulher, mirrada, sequinha, bem nova para Rabeca, ruboriza com os elogios do marido.

– Dança feito uma danada. Mas em festa, eu não deixo ela solta, não e ri um riso maroto.

Os meninos prestam atenção na conversa e enchem a sala.

– O sucessor da minha nação eu acho que não vou deixar. O único que servia era Piabinha, mas o nego toma uma cana tão empurrada que não dá pra confiar; quando aparece aqui é bêbo e chorando. Esse meu filho aqui, o Piba, esse sim, sabe tudo: os passos, os toques e as letras; ele é quem ensina os outros. Mas esse quer estudar, tá na escola; eu só não tenho é dinheiro pra comprar as roupas e os livros; é todo dia um.

Piba, não mais que 10 anos, truncado, olhos vivos, confirma os elogios do pai. É visível que se orgulha da arte que lhe foi transmitida. A miséria lhe tornou imune à importação dos costumes de fora: não existe televisão em casa. Salvo do flagelo da Rede Globo, não consegue escapar, porém, à indiferença geral frente à agonia lenta da arte popular.

Rabeca faz uma pausa e dá um suspiro fundo.

– Num passo mais fome do que já tenho passado por causa de que a mulher ainda arranja uns trocados tirando conta nos engenho pra me dar de comer. Sai de madrugada com a foice e se dana a cortar cana.

Não me entra no juízo aquela decadência. Rói-me o coração aqueles abandono e descaso enormes. Ele põe-se de pé e pede licença para ir ao aparelho. Urina-se nas calças, no meio da sala, antes de chegar à porta que dá para o quintal.

O senhor me desculpe. É a doença e a idade. Me mijo feito menino – e enxuga os olhos embaçados.

Levanto-me para ir embora, já na boca-da-noite. Insiste para que eu demore mais, olhando em outra direção.

– Dessa hora em diante, num enxergo mais nada.

Pego um dinheiro e enfio no bolso de sua camisa. Um "agradinho", como se diz por lá.

– Eu tava mesmo aqui justamente pensando como ia tomar café hoje. Tô mais tranqüilo: já não vou dormir com fome.

Quando descí a ladeira, as luzes da cidade já estavam acesas. Na praça de Santo Amaro, um alto-falante anunciava uma cirando "para logo mais".

* * *

Dois anos após a publicação da primeira edição de *A Prisão de São Benedito e Outras Histórias*, recebo recorte de uma matéria publicada no *Diário de Pernambuco*:



vaca braba
versos na catacumba
o viúvo

VACA BRABA

Vaca Braba, até o tanto que posso me lembrar, não tinha nada de braba. Tinha era muita alegria e disposição. Era puta antiga na Coréia; sua figura preenchia os espaços daquela rua alegre.

Tinha quase dois metros de altura, pés 42, e as mãos enormes e fortes, denunciavam a infância no cabo da foice no engenho. Tudo nela era agigantado, e sua voz era compatível com o restante da figura. Andava com os braços balançando desengonçadamente ao lado do corpanzil. Não me lembro de tê-la visto com os pés calçados.

Ria um riso destabocado, e suas gaitadas eram ouvidas de longe. Sua disposição para rir e ficar alegre só se igualava à enormidade de sua figura.

Arranjou uma filha, que cresceu na Coréia e se iniciou cedo no meretrício pela mão da mãe. Também era corpulenta e usava franjas. Quando começou a ficar mocinha, peitos mal pipocados, tomava banho nua no Pirangi, para delícia dos meninos. À falta de outro nome, e como se parecia com a mãe, lhe batizaram de Vaquinha. Como tinha o hábito de se abaixar e urinar na rua, estivesse onde estivesse, completaram-lhe a alcunha: Vaquinha Mijona.

Por nova e solicitada, Vaquinha Mijona envelheceu tão rápido quanto a mãe, atolada na aguardente o dia todo.

Vaca Braba era disposta, de munheca pesada, e não foram poucos os homens que ela surrou com sua mão larga. Um tapa seu valia por duas quedas. Uma vez, de brincadeira, deu um bofete em Goelinha, que ele foi parar no Hospital Regional. E em mulher, então, nem se fala: ela batia de bunda limpa

arroxendo as nádegas com sua manopla.

Mas, um dia, ela perdeu a parada, para sempre e sem esperar. Sentou-se para beber com um homem na casa de Maria Uleiro, e, como sempre fazia, emborcava de copo cheio. O homem, espantado, desafiou-a para beber no bico da garrafa. Como nunca havia enjeitado qualquer parada, Vaca Braba não se fez de rogada e topou de imediato.

Mastigou duas piabas e ordenou a Maria Uleiro que abrisse uma Pitu. Temperou a garganta, deu uma cusparada no chão e encostou o gargalo da garrafa na bocarra. Cabeça levantada, o nó da goela se mexendo a cada gole, foi bebendo devagar e sem interrupção. A esta altura, a casa já estava cheia de gente. As pessoas acompanhavam em silêncio a façanha.

À medida que a garrafa ia meando, os olhos de Vaca Braba iam-se avermelhando, e, de sua testa, grossos pingos de suor caíam rosto abaixo. Vaquinha Mijona incentivava a mãe com gritinhos.

A garrafa esvaziou, e ela nem teve tempo de colocá-la sobre a mesa: estatelou-se dura, e, na queda, seu peso enorme rebentou a cadeira. Os cacos de vidros se espalharam pela sala. Vaquinha Mijona deu um grito:

– Que foi, mãe?

O corpo frio, rija como uma tábua, Vaca Braba não respondia.

Levaram-na em cima de uma cama de lona para o Hospital, o cortejo quase a correr pelas ruas. Vaquinha Mijona chorava, enquanto seguia os homens que levavam a cama.

– Torna logo, mãe.

No dia seguinte, o serviço de som do Bar Riso da Noite tocava a Ave Maria de Gounod com o chiado característico. Esse disco só era passado quando morria alguém na Coréia. O alto ficava de luto; emudeciam-se as putas.

O locutor entrava no meio da música:

– ... e agradecemos a todos que comparecerem a este ato de caridade cristã.

No caixão azul, Vaca Braba estava mansa e serena em sua mortalha roxa, costurada por Dona Maçu. Vaquinha Mijona sumiu no mundo e nunca mais voltou a Palmares.

VERSOS NA CATACUMBA

Por muito tempo, ouviu-se dizer que o seu autor era desconhecido. Há algum tempo atrás, num trabalho de Juarez Correya, li que eles são de um certo Manuel Monteiro. Isso – ressalta Juarez – segundo o velho Luís Alves. Na verdade, concludo, não se sabe seu autor ao certo.

Eles, os versos, são um epitáfio gravado numa pedra de mármore em uma catacumba na avenida principal do cemitério, à direita de quem entra. Há concordância em apenas um ponto: trata-se do túmulo de uma criança.

Segundo minha avó, que afirma estarem os versos lá desde quando ela era menina, o anjinho foi morto por uma empregada da família, que o empurrou de um sobrado. Ciúmes, vingança ou coisa parecida. Coisa de muitos e muitos anos atrás; coisa tão antiga que, como outras possíveis versões, também esta não é totalmente provada nem totalmente desmentida.

Guardei os versos na memória e, desde criança, o mistério que envolve aquela catacumba me fascina.

Registro-os pela sua singular beleza.

"Uma estrela sem palor,
Aqui cessou sem lampejo.
Foi mais terna que um beijo,
Mais mimosa que uma flor."

O VIÚVO

Ele fazia praça de sua condição de viúvo e alardeava isso como qualidade, profissão e estado de vida. Era um velho seco, durinho, banguela e de chapéu sempre à cabeça. Invariavelmente, iniciava as conversas lembrando sua condição.

– Desde que eu fiquei viúvo...

Ele vivia sozinho, quase no fim da Rua da Rodagem e comprava fiado na bodega da esquina, liquidando a conta sempre que recebia os tostões da aposentadoria. Usava o cinturão fora das presilhas das calças, e, de dia, quando não estava andando pela rua, sentava-se numa cadeira na calçada e ficava olhando as pessoas passarem. Falava alto, altíssimo, e dizia que "sofria das oiças". Na verdade, era mouco como uma porta.

– Sofro das oiças desde antes de ficar viúvo.

Ia todos os dias ao cemitério visitar o túmulo da falecida, sendo que nenhum se lhe igualava em zelo e cuidados. Cercara o pequeno espaço com um gradeado de madeira, pintara-o de azul e fizera uma cruz com o nome da companheira. Era plantadinho e enfeitado de flores. Aguava, aparava, pintava e botava sentido. Enquanto fazia isso, ficava conversando e trocando idéias com a mulher. Moura, o coveiro, já estava acostumado e, quando ouvia sua latomia, dava um muxoxo:

– Tá zorzinho...

Na rua, ele cumprimentava as pessoas aos berros, e as crianças sempre arranjavam um jeito de puxar assunto para ouvi-lo falar aos gritos.

Quando a noite caía sobre Palmares, ele se trancava em casa, fechava as portas e janelas e apagava as luzes. Iniciava-se a longa conversa, gritada, lancinante, que era escutada do começo ao fim da rua.

– Tá cum saudades de Amaro?

Dirigia-se à falecida, e seu grito ecoava e se perdia. Depois de uma pausa silenciosa, ele respondia com outro grito absurdo, fazendo as vezes da defunta:

– Tô!

Novo silêncio. E novamente outro grito ribombava da sala escura e ecoava nos ares:

– Você ainda tem ciúmes de Amaro?

– Tenho!

E dialogava consigo mesmo, ditando sua fala e a da falecida. Aos gritos, aos berros, alto de se ouvir em todo canto.

– Você ainda quer bem a Amaro?

– Quero!

Às vezes ele interrompia o diálogo, abria a janela e se dirigia aos vizinhos que estavam sentados às cadeiras na calçada:

– Ela falou que ainda quer bem a Amaro. Tá ouvindo?

E punha a mão em concha na orelha para escutar uma voz que só mesmo ele pressentia. Trancava a janela e voltava para o escuro da sala.

– Você ainda acha Amaro bonito?

– Acho!

O povo da rua já estava acostumado àqueles gritos na hora do café. Altos, vindos do fundo, invariáveis, sempre à mesma hora. Alguns se angustiavam, porque não conseguiam ouvir as respostas da morta.

Mas, um dia, ele se trancou, e ninguém ouviu seus gritos. O silêncio vindo da sala escura preocupou os vizinhos, que se interrogavam inquietos.

Amaro partira.

Seu amor desesperado, sua saudade imensa, sua solidão sem nome haviam viajado no rastro dos caminhos da falecida.

Dialogava agora de boca fechada, morto. Para sempre, se mandara em busca da companheira, conversar de perto com ela, nem necessidade de gritar.

Seu silêncio pesou sobre a Rua da Rodagem

Telles o avião de Paulo Afonso

TELLES

Sobre Telles, encontro estas referências na antologia Poetas de Palmares, organizada por Juarez Correia:

"Nasceu em Primavera de Santo Antônio, Pernambuco. Autodidata. Poeta, pintor e escritor. Fundou nesta cidade a revista A Esfinge. Criou, com um grupo de jovens, o Grupo Cultural dos Palmares, entidade responsável pela edição do jornal O Olho, em inatividade, e pela formação de grupos artísticos. Autor de uma triologia inédita: Assim Falou a Esfinge – (Assim Falou a Esfinge, ensaio; Prolegômenos da Arte, ensaio; Poemas da Nova Era). Atualmente, elabora livros que compõem uma nova série cíclica. Realizou exposições de pintura no Recife, Goiana, São Paulo e Santos".

Muito pouco, pouquíssimo, para explicar este Telles Júnior de muitas artes e muito mistério.

Bem pequeno, deve ter um pouco acima de metro e meio, frágil, meio curvado, calva pronunciada e mãos sensíveis. Irrequieto artista, que vive deslocado em seu tempo e em seu mundo. Há muitos anos atrás, nos encantávamos com o mistério daquela placa na janela de sua casa na Rua do Galo: um enorme olho do qual saíam raios luminosos e o letreiro circular – Comunhão Esotérica do Pensamento.

Encontro-o em seu minúsculo atelier, cercado de talhas, quadros, livros e papéis. Na parede da rua, além de um mastro para hastear bandeiras, uma placa avisa: "Telles Júnior – Poeta, Pintor, Filósofo e Escultor".

Os quadros, misteriosos, cheios de simbolismo, não chegam bem ao surrealismo, mas necessitam de detalhadas explicações do artista para sua perfeita compreensão. Alguns poemas estão emoldurados nas paredes, também herméticos e

carregados de simbolismo, como este título: A Realidade dos Contrafortes da Antítese. Pregado a uma talha, está um envelope lacrado.

– O segredo do desenho desta talha está dentro do envelope. Quem comprar, fica sabendo – explica o artista.

Enquanto olho de soslaio o bigodinho pintado com tinta preta sobre o lábio fino, vou escutando suas queixas.

– Vivo isolado em Palmares, completamente ilhado. O povo daqui ainda não tem mentalidade suficiente para entender a arte.

Entre um gole e outro de um licor especial de sua fabricação, novas queixas.

– Abri um curso de entalhador e apareceram alguns interessados. Mal aprenderam a manejar as ferramentas e tirar lascas da madeira, já estavam vendendo talhas na rua, me fazendo concorrência. Fechei o curso.

Ao lado da máquina de escrever portátil, uma vitrola despeja acordes de música clássica. Luxo do sensível vate: só trabalha ouvindo os nobres sons.

– Palmares não prestigia o artista.

Naquele ambiente mágico, cercado de obras misteriosas, ouvindo o místico poeta, sorvendo seu licor e envolto nas sombras da boca-da-noite, também me senti inclinado à contemplação.

– Telles, qual é a sua filosofia de vida?

– É uma só, e dela não afasto um milímetro: comer, cagar e dormir.

Sorvi o último gole e deixei o artista entregue ao seu trabalho.

O AVIÃO DE PAULO AFONSO

Essa história sucedeu-se tem muitos anos passados. Mas eu me lembro dela perfeitamente, e gravei aquele dia na

memória para o resto da vida. Um dia incrível, apocalíptico, incomum.

Era manhã de semana, o mercado funcionando normalmente. As donas de casa já haviam comprado a carne e a verdura do almoço. Minha mãe temperava o guisado, enquanto nós jogávamos ximbra na rua.

De repente, um barulho tomou conta dos céus e passou a matraquear o espaço, como se anunciando a chegada da Besta Fubana a comandar o fim do mundo. Era um barulho desconhecido naquelas paragens, monótono, ritmado, ensurdecedor. Muito alto para a Palmares silenciosa de então.

Olhamos para o céu e nada enxergamos. Só escutávamos o barulho. Num segundo, a rua já estava cheia, e acredito que não havia um só vivente dentro de casa. Em um instante, rápido e mágico, ele surgiu por cima dos telhados e nos encheu os olhos. Um enorme helicóptero, com sua cauda metálica gradeada, a passear por sobre a cidade. Uma visão impressionante para as crianças, preocupante para os adultos e aterradora para os velhos, a pensar na chega do Juízo Final.

– É um avião sem asas!

O barbeiro Babel, navalha em punho, a correr pela rua junto com um freguês ensaboado, garantia ser uma invasão estrangeira, vingança dos alemães derrotados na 2a Grande Guerra.

O engenho voava devagar e, a cada manobra, ia arrastando a população de um lado para outro. Às vezes ele parava no ar e dava um descanso para o povo. Os pescoços se espichavam, as mãos na testa para proteger os olhos do sol. Os dois ocupantes olhavam para baixo mas não se conseguia decifrar suas feições.

Na Rua do Galo, algumas velhas puxavam um terço. Dona Ricardina, que morava na rua principal, aconselhava a vizinha:

– Num saia não. O Evangelho diz que quando os anjos chegarem tocando trombetas, quem tiver na rua, fique, quem tiver dentro de casa, num saia. Pode contar, que daqui a dez minutos vão vir os anjos. É o fim do mundo. Vamos rezar!

Mas os apavorados eram poucos, algumas velhas e beatas. Ajoelhados pelas calçadas, conclamavam a turba a rezar e se arrependem dos pecados. A maioria estava extasiada com as manobras do desconhecido engenho voador, olhos pregados no céu limpo e azul. Voando lentamente, o aparelho parecia um ímã, arrastando magneticamente a população de Palmares pelas ruas. Um rebuliço sem conta e sem tamanho.

Pelo menos, dois casos de mulheres nos dias e que pariram no susto foram registrados naquela manhã louca. Inúmeros os feijões queimados nas panelas de barro, pois as donas-de-casa se igualavam aos meninos e aos homens na suarenta corrida pelo rastro do avião sem asas. As pessoas se atropelavam, gritavam, subiam e desciam ladeiras, davam topadas nas pedras soltas do calçamento, sempre de olhos no aparelho. A esta altura, o piloto parecia se divertir, voando exatamente por sobre o traçado das ruas. O comércio fechou e todas as atividades rotineiras da cidade foram paralisadas. Salvo os velhos a rezar, ninguém ficou em casa.

O helicóptero pegou o rumo da Rodagem e seguiu em direção à Usina 13 de Maio. Ficou parado em cima do campo de futebol, enquanto a população tomava de assalto o gramado. Foi perdendo altura aos poucos, e o povo, adivinhando sua intenção, ia abrindo a roda e dando espaço para o pouso. Ao incrível barulho veio se juntar o vento provocado pelas hélices. Tocou de leve na grama. Os ferros, vivos e negros, junto com a maravilhosa visão do motor aparente, compunham um quadro impressionante.

Pousado, visto de perto, recém-chegado do céu, o aparelho ficava realçado em seu encanto. Místico, profético, apocalíptico, ali estava ele ainda rugindo.

A hélice foi diminuindo a velocidade, o povo ia fechando a roda. Os dois ocupantes pareciam assustados e preocupados. Uma camioneta da usina se aproximou com dois funcionários graduados. Houve uma ligeira conferência sob as hélices em funcionamento. A camioneta se afastou, e o ronco do pássaro se

alteou. A este sinal, a roda se alargou novamente. Parecia se impando de força, e o povo recuou assustado. Alteou-se devagar e novamente ganhou os ares. Com pouco, estava lá em cima. Novamente a correria no rastro.

O helicóptero dirigiu-se à usina, e lá começou novamente a perder altura. Frustrada, a multidão o viu desaparecer por trás dos imensos muros da indústria. Sumiu e, com pouco, desligou os motores. Do lado de fora, a multidão, silenciosa e quieta, prestava atenção no silêncio e aguardava.

Um funcionário da usina explicava para alguns de que se tratava: tinham vindo inspecionar as linhas de transmissão que chegavam a Palmares para trazer a energia elétrica da Cachoeira de Paulo Afonso. E, então, o engenho foi imediatamente batizado: o Avião de Paulo Afonso.

Devagar, em procissão, a população foi voltando à cidade, entre comentários e conversas. Era tanta gente, que levantava poeira no arruado sem calçamento da usina.

Almoçou-se tarde naquele dia. Mas, ao seu final, a vida tinha voltado à normalidade.

a prisão de São Benedito

Numa das reuniões da Diretoria do Clube do Jaguará, acertou-se que a Coréia estava precisada de uma festa.

O Jaguará funcionava num salão amplo do Alto do Lenhador, onde está localizada a Coréia, a chamada zona do meretrício. Por via disso, o Jaguará era o clube das putas e, em consequência, o mais animado do carnaval. O seu bloco, com um jacaré imenso em cima do carro alegórico, ganhava, de longe, em beleza e alegria dos outros blocos de Palmares, quando invadia as ruas da cidade nos dias de carnaval. Era de se ver o negro Zé Maria, todo vestido de branco, a comandar o abre-alas, com seu apito e o bastão colorido nas mãos. Compondo a onda, a turma que vinha à frente do carro alegórico, se destacava a elite da Coréia, todos com camiseta listrada de encarnado-branco, calça comprida branca, sapato Conga azul e boné branco de marinheiro, além do lança-perfume na mão: Aranha, Vaca Braba, Amara Brotinho, Odete, Amara Pé-de-Pato, Maria do Sinal, Elza Macho, Zefa Chupona, Luiz Cabeção, Pentelho-de-Burro, além de Dona Maçu e os negrinhos da família Piabinha. Quando a orquestra soprava Vassourinhas, o calçamento da rua era pouco para conter o frevo sublime esparramado por tão habilidosos dançarinos.

Eu acho que o mundo se acaba e a gente não torna a ver coisa mais bonita.

Então, eu dizia, a Diretoria deliberou que a Coréia, além do Jaguará, devia ter também a sua festa. Os ferroviários tinham a sua Santa Luzia; o povo das Pedreiras fazia a novena de São Sebastião; Santo Amaro, na praça de mesmo nome, era venerado pela gente do Matadouro; Nossa Senhora da Conceição, padroeira e madrinha, abençoava a cidade em sua festa no Centro. Isso sem contar São Pedro, Santo Antônio e São João, ricamente festejados no meio do ano. Até Água Preta,

pois sim, exaltava com uma festa das melhores o seu milagroso São José da Agonia. Dia de Reis em Catende, nem se fala. Só na Coréia não se tinha festa.

Invenção de Seu Luiz, Amaro Quirino e Zé Maria, diretores do Jaguará, a festa da Coréia tomou embalo de pronto e mobilizou os homens de bem e as pessoas gradas. A Banda 15 de Novembro saiu anunciando pelas ruas e, no dia marcado, a alvorada festiva cobriu de fumaça o Alto do Lenhador com os fogos de Pimpão. De manhã as mulheres–damas, qual colegiais enxeridas, participaram com alvoroço da corrida no saco, da corrida do ovo na colher e da corrida de velocidade. Houve muito barulho no jogo de quebra–panela, e as barracas de jogos de azar começaram cedo a arrancar dinheiro dos viciados.

À tarde, a sensação ficou por conta do cabo–de–guerra, disputa animadíssima envolvendo séria rivalidade entre os funcionários da Rede Ferroviária e os trabalhadores dos abatedouros de gado bovino do Matadouro. Era a Turma do Óleo contra a Turma do Sangue. Calção vermelho e camiseta branca, a Turma do Sangue se abastecia de cachaça e cerveja desde as primeiras horas da manhã, cercada e incentivada por um lote de putas assanhadas. Os homens da Turma do Óleo vestiam calção preto e camiseta branca, e também desfilavam, atletas musculosos, cercados de raparigas, prometendo até a morte para chegar à vitória.

No bilhar de Paizinho, as mesas de sinuca foram recolhidas, e um barulhento fuá propiciou o grande baile da festa. A orquestra, uma sanfona, um triângulo e um tambor de borracha, tocou, de manhã à noite, com pequenos intervalos para a rodada do pires na hora da cobrança da cota aos cavalheiros.

A tantas ia a festa, animada e respeitável, que pouca gente prestou atenção na capela armada ao lado do jardim. Capela modesta mas decente, montada a tala de bambu, coberta de folhas e cheia de velas acesas. Como toda festa de rua que se preza, também esta tinha seu santo. Lá estava ele de mãos

postas: um São Benedito de olhos grandes, velando pela alegria da Zona. Santo pretinho e humilde como a desprezada população da Coréia. As mulheres se benziavam reverentes, e os homens, antes de entornarem a aguardente goela adentro, jogavam um tiquinho "pro santo". Festa sem santo, como é de lei, não é festa. E a da Coréia tinha o seu padroeiro majestoso e entronizado, milagroso e vigilante, levando o consolo da fé àquele antro de perdição.

Mas, alegria de munição é curta, e a nação de gente enredeira, moralista, cresce em qualquer canto. Pessoas existem que sentem raiva dos prazeres dos humildes, dos perseguidos e dos marginalizados. Tanto fuxicaram, que levaram aos ouvidos do padre aquela presença invulgar na Coréia: São Benedito velando festa de zona. Vá lá que seja preto, mas não é motivo para tanto. Além do mais, não tinha sido nem benzido, conforme manda o regulamento canônico. Compraram a imagem na livraria de Manoel Pezão e ela foi direto da vitrine para a capela. Na maior calada. Além do mais, uma capela que era puro deboche: taliscas de bambu, folhas de bananeiras, ramos de laranjeira. E por aí vai.

Reclamavam as beatas dos homens de família que prestigiavam a festa e subiam a ladeira para beber com as raparigas. Mau exemplo que devia ser reprimido com energia. E o despropósito chegava ao auge, fazendo a banda tocar pelas ruas de família, anunciando a festa da Zona. Pois sim, senhor, uma putaria como poucas!

O padre não era de deixar serviço para depois. Velava e defendia seu rebanho como já não fazem os padres de hoje em dia. Santo e piedoso homem que tomava torrado e dava cascudos nos meninos na procissão. Entrou em contato com as autoridades competentes e arrancou do Poder Judiciário o indispensável mandado, que foi entregue ao Delegado. Tudo dentro da Lei. A autoridade policial designou a patrulha, e esta, brava e ciosa, subiu a ladeira para fazer voltar ao caminho do bom senso tão enxerido santo.

– Os homens tão subindo!

A multidão se inquietou, mas relaxou de pronto quando os soldados se dirigiram à capela. Ao invés de raiva, o povo se viu tomado por uma súbita vontade de rir. Uma sonora gargalhada tomou conta da Coréia, passou pelo Beco do Esconde-Negro, Rua do Limão, desceu pela Ladeira da Viração e invadiu Palmares. Riam-se do santo, preso e escoltado. Os soldados também se divertiam e a multidão esculhambava o santo.

– Eita neguinho, vai dormir no xilindró.

– Bem feito, já se viu santo na zona...

E a procissão desceu a ladeira, os soldados com o santo à frente, até a porta da Delegacia. E o episódio, que deveria passar por discreto, tomou conta do mundo e atraiu até repórteres dos jornais do Recife. A cidade dividiu-se, e a intimidade do santo foi devassada. Contava-se das estrepolias que ele teria feito em vida, antes de ascender aos céus. Circulou uma história sobre uma rapariga que ele teria tido na Bahia, até que alguém lembrou que, apesar de preto, ele era santo estrangeiro. Os racistas se aproveitavam:

– Só podia ser preto!

Do episódio, restou a glosa de Abel Fraga, saudoso freqüentador da Coréia, que imortalizou a prisão com o seu mote:

Prenderam São Benedito

Por freqüentar a Coréia.

Guardo o original que ele me passou com sua caligrafia rebuscada, aprendida no começo do século:

O povo ficou aflito

Por uma simples asneira

Por essa ação corriqueira

Prenderam São Benedito

Estava tudo contrito

Mas por estar na Coréia

Fizeram uma má idéia

Mas era boa a intenção

Só fizeram essa prisão
Por freqüentar a Coréia.
Apesar de ser bendito
E ser tão conceituado
Desceu do alto escoltado
Prenderam São Benedito
Não foi um gesto bonito
Nessa infeliz odisséia
Nem nos tempos de Pompéia
Viu-se tamanho pecado:
Um santo trancafiado
Por freqüentar a Coréia.

**a mulher de Alfredinho
as glosas de seu Abel
outra glosa**

A MULHER DE ALFREDINHO

Alfredinho, quando não arranjava serviço, ficava sentado no batente da porta de casa jogando pulhas pras moças e se enxerindo com quem passava. A mulher dele ficava na sala, atracada à máquina de costura e ouvindo as más respostas que ele levava. De vez em quando, fazia um comentário:

– Bem feito! Podia ficar sem essa.

Ele coçava as canelas e cuspi no meio-fio.

– Eita lote de rapariga!

Uma tarde, ia passando o barbeiro a caminho do salão. Alfredinho veio acompanhando com seu olhar zombeteiro as passadas do oficial, até que ele cruzasse a sua porta. Coçou as canelas e deu um bocejo.

– Só queria que o rio desse uma cheia e afogasse os cornos tudinho de Palmares.

A mulher parou a costura e deu um muxoxo:

– Tu te cala, Alfredinho; tu não sabe nadar...

AS GLOSAS DE SEU ABEL

Lembro-me bem dele subindo a ladeira da Coréia com seu passo miúdo e os olhinhos pregados no chão. Já velhinho, era uma presença afável e uma conversa mansa. Influente, prestigiado, transmitira aos filhos a energia, a alegria e a vontade de viver. Dele, quero falar apenas das glosas. Era só a gente dar o mote, que ele criava em cima, escrevendo num papel. A mais famosa foi sobre a prisão de São Benedito, mas

outras merecem o mesmo destaque.

Já sentindo os efeitos da idade, ele saiu-se com esta:
Tanta mulher dando sopa
E eu sem colher pra tomar.
Vivia de vento em popa
Mas a atmosfera mudou;
Nem perto delas eu vou
Tanta mulher dando sopa.
Pra quê eu ir lá sem ter roupa?
Se eu for, vou fracassar.
Eu vendo sopa sobrar
Sem tirar o meu quinhão
Todos de colher na mão
E eu sem colher pra tomar.

Nos idos de 63/64, Palmares era o centro nervoso e agitado das lutas do campo na Zona da Mata. O período pré-"Revolução" de 64 foi palco de tremenda agitação naquelas bandas. Gregório Bezerra, velho líder comunista, arrebanhava trabalhadores rurais para os sindicatos, e a Igreja Católica começava a aplicação da sua nova política social. Até que veio a "Revolução" e, a partir de então, a história é conhecida de todos.

Abel Fraga deu a sua versão:

Acabou-se a alegria
Do pobre do camponês.
Quando estava tudo em dia
Pro fumo entrar no Brasil,
Veio o Primeiro de Abril
Acabou-se a alegria.
Gregório aqui já vivia
Com patente de burguês,
Jipe novo todo mês
E na panelinha era um grande,
Por trás botando no flandre
Do pobre do camponês.

Já chegado na idade, Abel não perdia a verve e o bom humor. Gozava a chegada da impotência:

O pobre do meu caralho
Deu baixa na putaria.
Nunca encontrou atrapalho
Na sua terrível ação
Foi líder, foi campeão,
O pobre do meu caralho.
Era forte como um malho
Topava o que aparecia
Quer de noite, quer de dia
Era o tal bicho-papão,
Hoje perdeu o tesão
Deu baixa na putaria.

Mulher era seu tema constante. E, mais especificamente, uma parte muito especial da mulher, cantada nesta glosa magistral:

Boceta é quem tá na moda.
Só é o que tem valor.
É assunto de alta roda
Ninguém pode dispensar,
Hoje é assunto vulgar
Boceta é quem tá na moda.
É instrumento da foda,
É deveras um primor,
Aceita em todo setor,
É artigo de primeira.
Da meretriz à solteira
Só é o que tem valor.

O burlesco e o satírico lhe dominavam a pena. A safadeza não lhe saía da cabeça. Vejam esta:

Trepa que só peru
E tem tesão como galo.
Tem uma mola no cu
O diabo da rapariga

Que sente uma tal fadiga
E trepa que só peru.
Quando vê um pinto nu
O seu desejo é chupá-lo
Quando pega no badalo
Acha aquilo interessante
E trepa a todo instante
E tem tesão como galo.

Putarias e safadezas: temas eternos e constantes na obra de Abel. Era de se ver seu olhinho miúdo fitando a gente e declamando as glosas. Um cidadão sério e cioso, que conferia grande dignidade às suas poesias.

O galo não tem vergonha
Em todo canto faz cama.
Ele não tem cerimônia
Trepa em qualquer lugar,
Na hora em que quer trepar
O galo não tem vergonha.
É cada foda medonha
Trepa no chão e na grama
A galinha não reclama
Trepa com todo prazer
Na hora em que quer foder
Em todo canto faz cama.

E, para encerrar, esse primor de malícia e reticências:
Frei Bedegueba dizia
A Frei Manzape em disputa
Que há uma espécie de gruta
Onde três não podem entrar.
Só entra um. Ficam dois
Ajudando a trabalhar...

OUTRA GLOSA

Elias gostava de caçadas e de raparigar. Dava-se muito bem com as duas atividades e a elas se dedicava com afinco.

Enrabichou-se com uma rameira conhecida pelo nome de Maria Cu-de-Apito. Tanto e tanto, que não respeitava nem feriado, nem dias santos, gastando o tempo que podia no leito da escolhida.

Assim, não foi difícil aos companheiros de caçada descobri-lo em plena noite de uma Sexta-Feira Santa para um Sábado de Aleluia: encontraram-no, já de madrugada, na Coréia, na casa da mulher.

E puseram-se a bater na porta, fazendo o maior barulho, chamando-o para uma caçada.

A rapariga sentiu-se duplamente lesada: tanto pela latomia no seu batente, quanto pela ousadia de quererem levar seu homem em pleno meio da noite. E pôs-se a dirigir impopularmente a Elias, chamando-o pelos piores nomes que havia em seu repertório.

– Cabra safado, me largar aqui sozinha para ir caçar com os parceiros.

E, vendo a calma olímpica de Elias, que ia se vestindo como se não tivesse ouvindo a chuva de desaforos, resolveu chegar às últimas conseqüências, atirando-lhe na cara a pior ofensa que se podia dirigir a um homem naquele tempo:

– Chupão!

Elias permaneceu impassível, mas o desaforo foi escutado perfeitamente pelo grupo lá na calçada. Escandalizaram-se de imediato.

– Repara só: Maria Cu-de-Apito chamou Elias chupão! Um deles, de ouvido mais apurado, percebeu logo o alcance da situação:

– Menino, isso dá um mote!

"Maria Cu-de-Apito

Chamou Elias chupão"

Fernando, glosador de respeito, pegou a coisa no ar e cometeu essa obra-prima:

Tinha fama de bonito
Mas teve um fim infeliz.
Repare quem ele quis:
Maria Cu-de-Apito.
E sendo um dia bendito,
Sexta-Feira da Paixão,
Não se sabe porque razão
Aquela puta escrachada,
Às duas da madrugada,
Chamou Elias Chupão.

a viagem a pé para Brasília

Coisas de Palmares mesmo: inventou um seletto grupo de fazer uma viagem a pé para Brasília. Quando o negócio ganhou a boca do povo, a empreitada já ia em adiantados rumos.

Agora vejam a relação dos intrépidos aventureiros: Emanuel Castanheira, chefe da expedição; Lael Borba, Silva, Paulo Angeiras, Valmir e Nilson. O chefe, Emanuel, era filho do respeitável livreiro da cidade, Seu Odilo, que foi quem mais sofreu com as chacotas do povo. Lael Borba, halterofilista, lutador de jiu-jitsu e atleta dedicado, era o único de quem se dizia que seria capaz de levar a cabo tão temerária travessia; seu físico não deixava dúvidas. Silva, raquítrico e franzino, não inspirava fé na movimentada bolsa de especulações, e isto se confirmaria depressa, como adiante se verá. Paulo Angeiras, jogador de voleibol e atleta, tinha bons pontos na tabela de cotação dos candidatos a cumprir a missão com galhardia. Valmir, o mais moço, menor ainda, não fedia nem cheirava; tanto podia chegar, pela juventude, como, pela mesma juventude, desistir do empreendimento. Nilson, filho de Seu Amaro do Cinema, era o mais bem cotado: dizia o povo que para ele não desistir era o bastante amarrar uma garrafa de aguardente na ponta de uma vara e colocar à sua frente, que ele jamais pararia de andar.

Só sei é que o tarrabufado se avolumou, e, com pouco tempo, Palmares inteira participava dos preparativos. O grupo utilizava a pista do outro lado do rio, que passa no Engenho Paul, para os seus treinamentos. Cronometravam, mediam, calculavam e estabeleciam metas. E o povo acompanhando tudo, fazendo anedotas alguns, a maioria estimulando e botando fogo na empreitada.

Emanuel, chefe da expedição e autor da idéia, era estudante de Medicina. Conta a lenda que ele fizera promessa de, passando no vestibular, ir a pé de Palmares a Recife. Caminhada até curta, empreendimento relativamente fácil, coisa

de mais ou menos 18 léguas. Todavia, dessa caminhada para imaginar a outra, até Brasília, foi ligeiro, ligeirinho. A realização de uma estimulou o planejamento da outra. E, como tudo que se faz naquela cidade, o entusiasmo foi o ponto saliente nos preparativos. Logo, se formou a equipe. Rápido, vieram as adesões.

Glória àqueles intrépidos jovens que varariam a pé o Brasil para fazer brilhar, alto e longe, o nome de Palmares! As chacotas e pilhérias dos eternos gozadores não conseguiram empanar o brilho do empreendimento, tão inusitado e grandioso que tinha qualquer coisa de heróico. As piadas sobre as cachaças de Nilson não ofuscavam a grandiosidade do evento.

Os preparativos corriam céleres. Mapas eram esquadrinhados e rotas eram traçadas. Das roupas às provisões, passando pelo armamento, nada foi esquecido. Emanuel, aguerrido general, comandava sereno, irradiando tranqüilidade e sabedoria pelas lentes dos seus óculos de aros finos. Inspirava confiança e dava alento à expedição. Destruía, com seu lógico raciocínio, as idéias dos que se contrapunham à caminhada com argumentos estapafúrdios. Impunha-se pela paciência, ante o marulhar daquele povo que em tudo se metia e em tudo dava palpites. Mas, sejamos sensatos: quem ficaria indiferente a uma empresa dessas? As apostas corriam soltas no Pavilhão Eldorado.

A expedição se preparava. O dia da partida ia chegando. Até concentração, como os jogadores de futebol, eles inventaram, para preservar as energias. Seu Odilo, pai de Emanuel, era o mais ardoroso defensor do grupo. Da porta de sua livraria, dardejava argumentos furiosos contra os pilheriadores e incréus. Esperassem para ver a glória do filho no regresso!

Chegou o dia tão esperado. A hora da partida se fazia presente. A cidade inteira se levantou de madrugada para vê-los partir no raiar do dia. Fogos espocavam no céu e lenços brancos acenavam das janelas. Lá iam eles para a glória.

Só em Palmares mesmo!

A expedição na frente e a população atrás, enchendo a rua Coronel Austriclínio, no rumo da Ponte de Japaranduba, ganhar a pista que seguia para Maceió. Ruidosa escolta para os heróis que partiam. Estavam todos eles graves e ciosos da responsabilidade que carregavam nos ombros. A heroicidade de suas imagens ficava realçada pelo toque de cangaceirismo que havia em suas roupas: alpercatas de rabicho, calça coronha, camisa de mangas curtas e tecido leve, chapéus de palha com jugular, o cinto do embornal atravessado no peito, e os rifles na mão direita. Armamento registrado e devidamente consentido pelas autoridades competentes. Levavam também uma mensagem escrita por um senador pernambucano para ser entregue nas mãos do então Presidente Jânio Quadros.

Não usariam qualquer meio de transporte além dos próprios pés. Em cada localidade que chegassem, solicitariam, por escrito, o testemunho das autoridades locais de que haviam chegado andando, e se alimentariam do que conseguissem obter por onde passassem.

À medida que se iam aproximando de Japaranduba, a multidão ia rareando, cada um entrando em suas casas para viver, a partir de então, o emocionante acompanhamento das notícias que viriam da viagem. Os meninos atravessaram a ponte e acompanharam a expedição até depois do Engenho Japaranduba. As crianças, sobretudo elas, impavam de orgulho com os heróis municipais e ansiavam acompanhá-los em sua jornada para a glória.

Com pouco, eles estavam sozinhos. Palmares ia ficando cada vez mais para trás. Um mundo e uma missão pela frente. Nos primeiros dias, ainda em Pernambuco e até os confins do território alagoano, as pessoas que tinham carro iam vê-los na frente, levar-lhes ânimo e carinho. Os que não tinham condução própria alugavam os carros de praça e voltavam cheios de histórias, dando conta do local exato onde estavam e de como estavam, levavam recados e davam apoio logístico.

À medida que se distanciavam, estes contatos foram rareando, até que se extinguiram por completo. Estavam entregues à própria sorte. Bravos astronautas que rompiam a barreira da gravidade da mãe Terra. Na Livraria, Seu Odilo ia pontilhando num imenso mapa do Brasil a jornada dos caminheiros, à medida que chegavam os telegramas de cada uma das cidades onde eles entravam.

Ainda em Alagoas, logo no início da jornada, a primeira defecção: Silva, febril e sem condições de continuar, pegou a primeira condução de volta e chegou desconsolado para torcer pelo sucesso dos companheiros que prosseguiam na viagem.

A Livraria era o centro nervoso do acompanhamento da viagem. Seu Odilo, cordato nos primeiros dias, foi perdendo a paciência à medida que o tempo passava, e investia furioso quando chegava alguém apressado dando conta de que "a onça já tinha comido dois na estrada", ou que o "Nilson tinha desistido, porque a cachaça acabou-se". Seu Odilo pendurava com orgulho os telegramas que iam chegando e até mesmo as sandálias que se iam gastando na caminhada e eram enviadas pelo correio. O avanço dos caminheiros, lento mas firme, era que lhe dava força para suportar as chacotas dos desocupados. Todavia, a maioria torcia mesmo pelo sucesso dos rapazes e compunha uma corrente de pensamento positivo, a fim de influir decisivamente na vitória dos guerreiros.

Caminhando e confiando, lá iam eles Brasil adentro, enquanto a linha do mapa da Livraria se encompridava cada vez mais.

Já na Bahia, muito longe e muitos dias depois, mais três desistências: Lael Borba, o halterofilista em que todos confiavam; Paulo Angeiras, o atleta jogador de voleibol, e Nilson, o homem da aguardente. Não resistiram à visão dos ônibus da Transportadora Rio Una, que haviam sido comprados em São Paulo e estavam indo para Palmares. Embarcaram chorosos de volta e despediram-se dos dois companheiros que ficavam. Lael Borba caminhara muitos dias com uma ferida na

sola dos pés, manco, se apoiando nos artelhos; aproveitou a passagem dos ônibus e voltou tristonho.

Restavam apenas dois, entregues à própria sorte: o comandante Emanuel e o menino Valmir, em quem ninguém tinha posto fé.

* * *

Vinte anos mais tarde, eu estava em Palmares tomando cerveja num boteco com Valmir, que recordava a aventura, quando ele me confidenciou:

No dia em que ficamos só nós dois, eu e o Emanuel Castanheira, a gente estava descansando de noite, quando ele falou que se eu quisesse desistir não tinha problema. A idéia tinha sido dele e ele iria sozinho até o fim. Eu falei que ele podia ficar sem medo: nem que a gente levasse o resto da vida pra chegar, eu não desistiria nunca. Chegaríamos só nós dois.

* * *

E foram avançando e telegrafando de lugares cada vez mais distantes. Na porta da Livraria, a roda era engrossada pelos desistentes chorosos, arrependidos, a acompanhar no mapa o avanço dos dois solitários companheiros. Os telegramas agora vinham do distante Goiás. Já estavam perto. A excitação crescia, a jornada estava próxima do fim. Os solitários viajantes, caminheiros de estradas sem fim, estavam prestes a cumprir sua missão. Haviam varado muitas terras e muitos perigos. Até hoje, Emanuel está devendo o livro que prometeu escrever sobre as peripécias da viagem.

O telegrama dando conta da chegada à jovem Capital Federal estourou como uma bomba na Livraria. Fogos foram soltados e os abraços de vitória encheram a calçada. Seu Odilo, afinal, estava vingado do ceticismo dos descrentes e das lorotas dos debochados. Os guerreiros haviam vencido a batalha!

Lembro-me que no dia da volta deles não houve aula, e fomos nós, os colegas, esperá-los de bandeirinhas na mão. Uma ruidosa comitiva de carros seguira para o Recife, a fim de apanhá-los no Aeroporto dos Guararapes. A praça estava

tomada, mas a medida que a esperada hora da chegada ia-se aproximando, as pessoas iam-se dirigindo, mais e mais, em direção à entrada da cidade, cada um querendo ser o primeiro a ver e abraçar os heróis que voltavam para casa.

Por fim, a multidão estava concentrada fora da cidade, na pista de chegada do Recife. Uma inquietação sem termo, uma ansiedade enorme, todo mundo de olho na estrada que sumia numa curva. Seu Odilo suava e tremia.

De repente, desponta lá na curva a comitiva.

– Tão chegando!

Um grito percorreu a multidão, que se pôs a correr em direção à caravana. Pararam os carros e ergueram os heróis. Estavam queimados de tanto sol, e a sua magreza realçava o porte de guerreiros vitoriosos.

Seu Odilo abraçou-se chorando ao filho, num gesto dramático, e foram os dois enrolados numa enorme Bandeira Nacional à frente do cortejo, junto com o menino Valmir. Mais comovente ainda foram os abraços dados nos companheiros que haviam desistido no meio da empreitada. Choraram todos, desabridamente, copiosamente. Uma cena inesquecível!

Com os heróis à frente, a multidão se dirigiu para a Livraria, de cujo sobrado Emanuel falaria para o povo. As bandeirinhas dos colegiais coloriam as ruas; os sorrisos se misturavam às lágrimas. A cidade era uma vibração só, na exaltação do feito daqueles palmarenses ilustres.

Quando a figura de Emanuel, abraçado ao pai, enrolado na Bandeira Nacional, surgiu no terraço do sobrado da Livraria, a multidão explodiu em palmas e vivas. Um quadro emocionante e comovedor.

Sua voz rouca, não conseguiu terminar o discurso. Agradecia a homenagem e dedicava a vitória à sua gente. As bandeirinhas se agitavam, a multidão rugia.

Um dia inesquecível no calendário histórico de Palmares.

Alguns dias depois foram entrevistados pela Televisão no Recife, e deles se ocuparam todos os jornais.

Passado o impacto dos primeiros dias, a cidade foi-se habituando à convivência com seus heróis. Dias, meses e anos, até que eles se tornaram pessoas comuns; e hoje os mais novos nem sabem do feito. No Palácio das Revistas, Seu Odilo ainda conta a aventura aos curiosos que perguntam sobre uma foto pendurada na parede. Ninguém fala mais na viagem.

* * *

Vinte anos mais tarde, recordo a aventura com Valmir. Depois de enxugar a espuma da cerveja nos lábios com as costas da mão, ele confessa com sua voz mansa, com aquela humildade peculiar a todo sapateiro:

– Hoje, Emanuel é oficial médico da Aeronáutica. Nem sei onde anda. Mas se ele aparecesse aqui, agora, me convidando para ir a pé até pro estrangeiro, eu ia de novo.

Bicho–Bom e Feiúra
Dr. Sebastião Espírita
outra receita

BICHO–BOM E FEIÚRA

O que se destacava, logo à primeira vista, era a sujeira de ambos. Vivam do lixo e no lixo. Atrelados à carroça com rodas de madeira, não tinham que ver dois bois puxando sua carga fétida pelas ruas.

Bicho–Bom era baixinho, não tinha dentes e usava um chapéu seboso e gasto. Feiúra era alto e corpulento, rosto inchado de cachaça e pés de solado grosso, sempre descalços. Não fora a já tradicional sujeira da cidade, passariam também os dois por um amontoado de lixo.

Viviam fuçando os monturos, catando papéis, vidro e metais. Onde houvesse um monte de lixo, lá estariam os dois a chafurdar, arrancando a sobrevivência dos restos que a cidade jogava fora. Mesmo quando a carroça estava vazia, eles se arrastavam devagar, impando, só parando aqui ou ali para um trago ou para remexer um monturo. De vez em quando, cumprimentavam as pessoas que passavam nas calçadas:

– Oh, bicho bom!

Viviam os dois numa espécie de arapuca que tinham montado com papelão e sacos de cimento vazios, ao lado da Igreja Presbiteriana, aproveitando o muro do cemitério como parede de fundo. A construção era baixa, de tal sorte que eles só podiam entrar de–quatro–pés. Uma estopa fazia as vezes de porta de entrada. Una molambos encardidos serviam de cobertor e colchão. Havia também um caixote e um fogareiro a álcool. O chão, sem trato, de terra viva, era lama só, quando chovia. Eles dormiam um ao lado do outro e, quando acordavam pela manhã, o primeiro café era uma talagada de aguardente, comprada com a féria do dia anterior.

Dois anjos, dois bois pacíficos e exercer sem reclamos a tarefa que a sobrevivência lhes impunha. Eram doces e mansos, incapazes de qualquer questão. Concordavam com tudo e com todos. Eram adorados pelas crianças e vistos com indiferença pelos adultos.

Feiúra inchava mais e mais, e a cada dia que passava a cachaça alterava um tanto as suas feições. Bicho–Bom continuava do mesmo jeito, cuspindo e largando seu cumprimento pelas ruas:

– Oh, bicho bom!

Numa noite chuvosa, eles se recolheram à arapuca e adormeceram logo após a prosa que tiravam sempre. Bicho–Bom acordou na manhã seguinte, mas Feiúra continuou dormindo. Dormiu para sempre, docemente, eternamente. Sem uma dor, sem um reclamo. Bicho–Bom ainda ajudou a empurrar o caixão da caridade, levando o amigo pelas ruas onde tanto haviam caminhado juntos, arrastando a carroça com seus trastes.

Rosto inchado, olhos vermelhos, choroso, tomou uma talagada com o coveiro antes de enterrar Feiúra. Olhou o amigo, sereno e sujo, e pegou novamente na garrafa.

– Precisa falar não: vou tomar a tua também – e emborcou outro trago.

Desmontou a arapuca, vendeu a carroça, jogou os molambos dentro de um saco e sumiu a pé pelo mundo. Nunca mais foi visto em Palmares.

DR. SEBASTIÃO ESPÍRITA

Dr. Sebastião Espírita não é doutor nem deixa de ser espírita. Nos meus tempos de criança, ele usava um terno de tropical azul–marinho, sem gravata, chapéu Ramezoni e fazia ponto na venda de Sitonho. Às vezes, dava consultas no balcão da venda, enquanto tomava um gole de vinho de jurubeba. Fazia de tudo: baixava espírito, tirava encosto, lia mão, botava carta,

tirava o cão do couro de quem estava manifestado, examinava e dava receitas. Sobretudo, dava receitas.

Sua casa era nas Pedreiras, em frente ao descampado onde eram armados os circos que chegavam a Palmares. De longe, avistava-se a fila dos necessitados, doentes, cegos, tronchos, paralíticos, desenganados e simples crentes à procura de um consolo. Ninguém afirma que viu, mas corre a fama de que ele é contumaz em dar a luz do dia a cegos, fazer paralíticos apostarem corrida, mandar mudos darem discursos nas praças, determinar que surdos escutem o barulho deste mundo e ordenar que pestilentos fiquem limpos.

Naquele tempo, ele já era chamado de doutor e usava um dente de ouro na boca. O tempo passou, e, raríssimas vezes, depois que saí de Palmares, tive oportunidade de revê-lo. Sei apenas que muito bem soube empregar o ganho obtido nas inúmeras consultas. Hoje ele é um próspero dono de terras e de gado, endinheirado e morando numa bela granja na entrada da cidade, talvez já esquecido do humilde casebre das Pedreiras, onde tudo começou há mais de vinte anos.

Como doutor, suas receitas são religiosamente despachadas nas farmácias da cidade. Os farmacêuticos, calejados pelos anos no exercício de decifrar sua caligrafia, lêem regularmente e sem pestanejar as papeletas que lhes chegam às mãos, invariavelmente trazidas pelos miseráveis dos engenhos e da rua, sua clientela crescente e cativa.

Uma amostra de suas receitas é a que se segue. Obtive-a de um amigo de Palmares:

me aplique logo neste senhor
Uma ampola de glicose na veia
Uma ampola de Betadoze 10.000
Examine o coração
Amigo vamos descobrir
Esta dor.

Com a indispensável ajuda de um farmacêutico, consegui a tradução:

Me aplique logo neste senhor
Uma ampola de glicose na veia
Uma ampola de Betadoze 10.000
Examine o coração
Amigo vamos descobrir
Esta dor.

Das muitas receitas que ele passou e de que tive notícia, uma me ficou gravada na memória. Era de uma camponesa com prisão de ventre e que chegou à farmácia com esta recomendação por escrito: "Seu farmacêutico, dê um supositório a esta mulher, que já faz três dias que ela não caga"..

OUTRA RECEITA

Não é só Doutor Sebastião Espírita que vive a despachar receitas para as nossas farmácias.

Embora seja ele o decano, primeiro sem segundo nas artes do catimbó, outros lhe seguem as pegadas, almejando chegar às culminâncias onde hoje o mestre se encontra.

Transcrevo aqui, ao pé da letra, outra preciosidade que obtive de um amigo farmacêutico. Não foi possível identificar o autor da jóia, mas fica o registro:

"uma paciente que vem
sentindo os seguintes casos

um problemas sobre
relações seqsual não vem
correspondendo certo era
muito fogosa e agora
não vem sendo como era
que todo ano era um filho
então não vem com o
fogo, e nem ao terminar
finda legal, tanto faiz
fazer como não fazer
com dor nas pernas e
nas cadeira".

a manobra da carreta Biu do Tacho

A MANOBRA DA CARRETA

Na abençoada tarde palmareense, eu tomava uma cerveja gelada com um amigo mineiro que se dispusera a conhecer as excelências da terrinha, após alguma insistência de minha parte. Viajamos alguns milhares de quilômetros, curtindo estes estradões de meu Deus, e demos com os costados em Palmares, numa manhã de sol.

Ele vibrava com aquele ambiente de festa-todo-dia e de tá-tudo-bom-e-vai-melhorar que se respira no verão de Pernambuco. Os muros das ruas pichados anunciando os bailes no Clube Ferroviário, e os carros de propaganda se cruzando com seu berreiro completavam a alegria do carrossel. Além da cerveja irreprensivelmente gelada que se serve nos bares.

Estávamos justamente comentando sobre o quanto de coisa esquisita acontece por ali. O que há de mais inusitado só deixa para desaguar em Palmares. Aos pouquinhos, os meninos começaram a descer, primeiro devagar e depois às carreiras, no rumo do Colégio das Freiras. A seguir, os homens e, logo após, também as mulheres se desembestaram para engrossar a multidão. Curiosos, já prenunciando mais uma, largamos a cerveja e nos dirigimos ao local. De longe, avistamos uma enorme carreta, desses com 18 pneus, metade numa rua e metade em outra. Pensamos em atropelamento ou batida e apressamos o passo.

Uma dona-de-casa nos ultrapassou com um menino encangado nas ancas e arrastando mais três pela mão. Suava e recomendava pressa às crianças:

– Se nós não se avexa, num dá tempo de vê.

Um sapateiro passou correndo, nu da cintura para cima,

óculos de grau, e segurando um sapato no qual estivera trabalhando até que avistara a carreta. Era gente de entupir a rua. Chegamos, nos integramos à multidão e, depois de nos inteirarmos do assunto, sentamos nos degraus da porta de uma venda que havia em frente e mandamos descer uma cerveja para, assim bem acomodados, podermos assistir ao espetáculo.

A carreta estava vindo do sul do país, tinha placa do Paraná, com uma carga para Natal. Ao passar em Palmares, ao invés de seguir por fora da cidade, na outra margem do rio, rumo a Recife, o motorista resolvera entrar pelas ruas, e aí começou a novela. A carreta, gigantesca e pesada, entupia as ruas estreitas e desiguais. Até que, chegando no oitão do Colégio das Freiras, tentou entrar na Rua Coronel Izácio e entalou: nem pra frente, nem pra trás.

A multidão ia aumentando e ajudava a manobra aos gritos:

– Mais pra frente!

– Vai bater no muro!

– Pra trás uma beirinha só...

O motorista suava na cabina e parecia assustado com a multidão. Diabo de terra que juntava gente para ver uma carreta manobrar! De vez em quando, ele descia e se juntava ao povo para tirar medidas e verificar suas chances de sucesso na manobra. Os motoristas da cidade estacionavam seus carros e vinham, solícitos, prestar solidariedade ao colega.

Milímetro a milímetro, para frente e para trás, a carreta se enroscava cada vez mais, e a multidão não parava de crescer e opinar.

O sapateiro se espantava e examinava a placa com seus óculos de grau:

– Dezoito "pnéis". Apucarana, Paraná. Té é fodido. Sim, senhor...

Alguns especulavam sobre a carga, bem protegida por uma lona. Os meninos se penduravam na carroceria, e as mulheres soltavam gritinhos quando a carreta se encostava perigosamente no muro das freiras.

O meu amigo mineiro estava extasiado e, enquanto tomava cerveja, também ajudava na manobra, gritando junto com a multidão.

– Vai que dá! Aí tá bom, agora pra trás.

Um tempo comprido, sem conta. A rua completamente tomada, pelo povo e pela carreta.

Aos poucos, o motorista foi conseguindo completar a manobra. O suor gotejava em seu rosto; tirava a camisa e cavalgava sua máquina de peito nu.

De repente, um grito uníssono escapou da boca de todos:

– Conseguiu!

Uma salva de palmas irrompeu espontaneamente junto com os gritos de viva.

O motorista endireitou a carreta na beira do meio-fio e vestiu a camisa. Subiu no estribo e olhou a multidão. Nova salva de palmas. Ele acenou e olhou para o relógio, calculando o atraso.

A carreta foi-se arrastando lentamente, até sumir no fim da rua.

Meu amigo olhava espantado a multidão se dissolvendo entre comentários e risos. Embicou o último copo de cerveja e me tomou pelo braço:

É mais espantoso ainda do que o que você diz.

BIU DO TACHO

Qualquer roteiro de Palmares, sentimental, turístico, histórico, sociológico e, arrisco, até mesmo econômico, estaria incompleto se não contivesse uma citação sobre Biu do Tacho, o cachaceiro eterno.

A família, um amontoado de mulatos e mulatinhas, ganhava o pão no fabrico e na venda de tachos de cobre. Daí o sobrenome do clã os Tachos.

Os mais velhos foram se finando, se acabando, e hoje,

muitos anos após a cessação das atividades de onde derivou o sobrenome da família, restaram Maria, Geraldo e Severino, de apelido Biu. Biu do Tacho.

Biu do Tacho é marco de referência, e sua vida se confunde com a vida recente da história da cidade, de tal sorte está ele grudado ao ar das coisas e das ruas. Seguramente, se não passou de meio século, já está nos cinquenta. Seco, mirrado, não envelhece nunca. Eternamente bêbado, a dar discursos pelas ruas, repetindo os refrões que escuta nos comícios, desancando, sempre e sem variações, os poderosos do dia. Do Prefeito ao Presidente, passando pelo Bispo e pelo Delegado, ninguém escapa de sua fúria. Cada esquina é uma tribuna; e não é necessário que haja platéia para seus discursos: fala para o vento e sem ligar à indiferença das pessoas que passam, como se fosse ele um ponto da paisagem e não uma pessoa falando.

– Bando de cornos, cabras safados. Digo sem medo: eu sou Biu do Tacho, o paradinha...

E bate com força no peito emagrecido pela cachaça acumulada em muitos anos. Enumera os amigos que já se foram:

– Nenhum agüentou beber comigo, morreu tudo: Eurico Coqueirão, Fuzil, Uriel Pé-de-Ferro, Xele, Goelinha e Vaca Braba.

Inofensivo, manso, discursando pelas esquinas, Biu do Tacho não mais preocupa os soldados da Delegacia. Diante de alguma queixa ou impertinência maior do bêbado, o representante da lei não se dá nem ao trabalho de levá-lo detido à cadeia – manda apenas que ele se apresente preso ao Plantão. Biu sai no seu passo miúdo, obediente, parando uma vez ou outra para o inútil protesto:

– Tô indo preso pela Polícia "Milital" dos Palmares; cabras safados!

E segue seu caminho até a cadeia, onde se apresenta ao primeiro soldado que encontra.

– Vai te'embora Biu. Num vê que a gente tem mais o que fazer é a resposta que ouve sempre.

Quando sóbrio coisa difícil de acontecer Bui é um cidadão sério e irreconhecível. Anda de cabeça baixa, não reconhece nem cumprimenta ninguém. Engraxate de profissão, localiza sua banca na calçada da Padaria Brasil. Engraxa apenas o suficiente para começar a beber novamente e, bêbado, a primeira providência que toma é tentar vender a banca ao primeiro que passa e por qualquer dinheiro.

É comum vê-lo interromper uma roda num botequim e fazer aos presentes a proposta:

– Se me pagar uma bicada, eu deixo você dar um tabefe na minha cara.

Na maioria das vezes, as pessoas pagam a bicada, e ele segue em paz com seus discursos. Mas eu já vi, pelo menos uma vez, alguém que aceitou a proposta. Recebido o tabefe, bochecha vermelha e se levantando do chão, Bui murmurou tranqüilo:

– Agora, paga a bicada, decente.

Dois certas as pessoas têm: Bui do Tacho não envelhece, nem morre. Pelos padrões normais, uma pessoa que bebe como ele, ou já teria morrido há muitos anos, ou, na melhor das hipóteses, estaria para se acabar doente, em cima de uma cama.

Riso debochado, cara cínica, camisa aberta, ele teima em continuar vivendo e bebendo. E discursando pelas esquinas.

– Digo sem medo: o Governador é um ladrão, igualzinho ao Prefeito e ao Delegado.

E segue cambaleando rua afora, vida adentro.

**Luiz Guarda
Veludo do pife
Amaro
D. Heloísa**

LUIZ GUARDA

Ele tem tudo para passar despercebido e ser um tipo sem maior saliência naquele rico quadro humano. Mulato, puxado para mais escuro, baixo, de pouco acima de um metro e meio, calças folgadas, chapéu permanentemente enterrado até as orelhas (nunca consegui ver seu cabelo), óculos de lentes e aros grossos, e o cano do revólver entalado na bainha de couro, a mostrar a ponta por baixo da camisa. Sobretudo, os olhos eram impressionantes, penetrantes, vivos, em permanente atitude de alerta e observação. Mas, comum e igual, vagando pelas ruas com a tabica na mão, destacava-se pela legenda de mortes e violência que carregava grudada ao rastro e à sombra.

Soturno, sombrio, sério, incapaz de uma galhofa, abstinência, era de uma dedicação canina à meia dúzia de pessoas a quem votava estima. De uma conversa dele, me recordo nitidamente deste trecho interessante:

– O primeiro ladrão que matei, eu devia ser menino ainda, chegando pra rapaz. O dono do sítio falou com meu pai pra botar eu pra vigiar uma melancias que um cabra tava roubando. Me deu um rifle e me mandou prender o cujo, pra ele saber quem era o ladrão. De noite, enrolado num capote, que fazia era frio no agreste, fiquei de sentinela, escondido, e, quando dei fé, lá vinha o vulto. Só esperei mesmo a certeza e atirei bem no meio dos olhos. Ainda dei outro no toitiço pra não ficar resto do caso. O patrão se engangrenou. "Eu falei pra você prender o homem; bastava uns bofetes e um tiro nas pernas pra aprender a não roubar mais". Eu peguei e falei pra ele assim: "Do jeito que

ele tá agora, lhe garanto que ele não rouba mais mesmo não". Só atiro em homem pra matar, porque se eu atirar e não matar, eu fico com medo dele pro resto da vida.

Este, o primeiro ladrão. Daí para frente, seu rosário de defuntos foi aumentando ao longo dos anos. Modesto e sem remorsos, ele confessa com humildade que perdeu a conta do tanto de amigos do alheio que já despachou para o outro mundo.

Matar ladrão é a sua paixão, tara e razão de ser. Admite qualquer defeito no homem, menos o pegar no alheio. O ladrão que cai nas suas mãos já sabe o destino que lhe está reservado. Duro, nunca se deixou comover por quaisquer que fossem os argumentos apresentados.

– Uma vez eu peguei um cabra que se ajoelhou e danou a falar nome de santo: Santo Inácio, Santo Onofre, São José, Santa Quitéria, Santa Tereza, e por aí danou-se. Era dizendo os santos e se mijando. Dei só um no meio da testa.

Pela rude lei da Zona da Mata, Luiz Guarda era um herói municipal, homem de bem, que limpava a cidade dos ladrões, sub-raça indigna de qualquer piedade e que só seria extinta com a matança indiscriminada. Certa vez, os comerciantes chegaram mesmo a se cotizar para lhe comprarem um carro, que serviria para transportar os condenados da cidade para o outro lado do rio, onde eram executados e apareciam boiando nas águas do Una. Matava e ficava por isso mesmo, acumpliciado pelo silêncio e pela admiração da população. Respeitável e sereno saneador, guardião dos bons costumes que gozava o respeito reverentemente oferecido.

Um dia, inesperadamente, um tropeço lhe criou embaraços e chegou mesmo a causar sua prisão.

Num dia de feira, ele, atento e vigilante como sempre andava, viu a correria da multidão e escutou com seu ouvido afiado o grito já tão familiar:

– Pega o ladrão!

Havia qualquer coisa de misterioso que fazia com que ele estivesse sempre por perto quando acontecia um roubo.

Não precisou nem correr, pois o ladrão vinha desembestado em direção ao local onde ele estava. Não teve muito trabalho para prendê-lo e algemá-lo. Era um menino, menos que rapazinho, que havia roubado, ao que consta, a bolsa de um senhora na feira. A multidão viu Luiz embarcar com o condenado rumo ao canal no outro lado do rio. Algemado e indefeso, o garoto foi duramente torturado antes de receber na testa o tiro de misericórdia. Meticuloso, Luiz abaixou-se para retirar do cadáver as suas preciosas algemas. Meteu a mão no bolso e não encontrou as chaves. Sacou a peixeira, decepcionou as mãos do defuntinho e retirou as algemas.

Quando o corpo do menino foi encontrado, mutilado e em péssimo estado, a grita foi grande, e o bispo, em nome dos direitos humanos, abriu a boca no mundo, cobrando um fim àquele tribunal de um homem só, cuja única sentença era a pena de morte, dada sem qualquer julgamento. A imprensa explorou o caso, e as autoridades estaduais, a contragosto, não tiveram outra saída senão tomar uma providência.

Luiz Guarda foi preso e, no pouco tempo em que esteve na cadeia, sofreu um misterioso atentado do qual escapou ileso. Atiraram nele de fora para dentro da cela...

Sua prisão foi largamente lamentada pelos homens de bem, pelas famílias, pelos comerciantes e pelas pessoas gradas de um modo geral. Achavam que aquela medida era um considerável reforço à audácia das centenas de ladrões que ganhavam a vida naquela região.

O último que ele matou, já depois da prisão, foi outro rapazinho, também preso na feira. Do episódio, recordo-me do que falou um cidadão estabelecido na Praça do Mercado:

– No outro dia, eu fui ver o defunto na pedra do cemitério. Dê por visto um filó: furado dos pés à cabeça. Mas o que eu achei mais interessante foi que ele tava todo coberto de barro. Luiz foi furando ele de pouquinho e devagar. Ele na frente e Luiz atrás, ele caía, se sujava de barro, se levantava e Luiz dava mais uma furadinha. E assim foi, até que ele caiu e

não se levantou mais.

VELUDO DO PIFE

Figura mais singular do que aquela de Veludo não tem: mulato, magrinho, idade indefinida, baixo, olhos vivos e fundos, chapéu-de-palha na cabeça e pés permanentemente descalços. Tocava pífano e dessa atividade derivava o nome pelo qual é conhecido: Veludo do Pife. Era um mágico com um pífano nos lábios e desse instrumento arrancava os sons e músicas mais encantados que já se teve notícia naquela terra. Seu pífano era enfeitado com fitas coloridas e, soprando-o, ele comandava monumentais forrós no terreiro de sua casa no Matadouro, bailes populares e novenas organizadas pela munição.

De destaque mesmo era o Guerreiro, que ele botava na rua à custa de magras verbas arrancadas dos poderes públicos e dos livros-de-ouro.

Era um folguedo de incrível beleza, cheio de cores, fitas e espelhos brilhando nos chapéus dos dançarinos a pular com as espadas na mão. Mágico e encantado espetáculo que fazia reluzir os olhos do povo. Eita Veludo mais alegre e cheio de pantins!

Destaque-se, sobretudo, o seu assovio, que valia por uma banda inteira. Graves e agudos flauteavam nos ares e nem pareciam saídos daqueles lábios murchos de banguela. Era arretado se ouvir os dobrados e marchas que ele executava como a mais competente das filarmônicas. No Quarto Centenário, então, ele se excedia e enfeitava a música com floreios os mais doces e rebuscados. Era de se pegar a melodia no ar e sentir os seus contornos nas pontas dos dedos.

Tirante as festas e os folguedos, Veludo também arrancava o sustento das mil profissões que alardeava possuir. Enumerava cada uma com sua voz arrastada:

– Compro vrido, uma; vendo vrido, duas; conserto

guarda-chuva, três; toco pife, quatro; vendo munguzá, cinco; encomendo defunto, seis; toco zabumba, sete...

E ia numa conta sem fim, que nunca chegava a mil, mas era bem possível que ultrapassasse este número, tal a sua arte e engenhos.

De tarde, ele despontava no começo da rua, com o pau arqueado sobre os ombros, em cada ponta uma lata cheia de munguzá quentinho.

– Olha o mango! Maaaaaangooooo!

E, como brinde para os meninos que enchiam os copos, tinha o "manistroke": algumas pitadas de canela que temperavam sua doce iguaria.

– Maaaaaangooooo!

E Veludo se perdia nas curvas e vielas, levando a felicidade do seu munguzá às crianças.

Todo tostão que ele ganhava ia entregando para a mulher, encarregada de guardar e economizar os minguados recursos do casal. Ela colocava as moedas e notas numa lata de Leite Ninho, escondida num recanto da casa que, por medida de segurança, só ela mesmo sabia onde era.

Sucedeu que um dia esta mulher se abufelou e teve um chilique brabo de cair no chão, ficar dura e revirar os olhos. O pior, para Veludo, é que ela resolveu perder a fala e ficou estrebuchando sem soltar um pio. O pobre artista se desesperava, escanchado por sobre a mulher, gritando, enquanto lhe apertava a goela, na vã tentativa de lhe arrancar algum som:

– Fala, sua desgraçada! Besta fubana, catraia! Tu não vai morrer sem dizer onde tá o dinheiro, de jeito nenhum...

Afinal, para felicidade e alívio de Veludo, a mulher tornou e contou onde guardava o tesouro: no pau da cumeieira, ao lado de uma casa de cupim. Desse dia em diante, ele chamou a si a responsabilidade da guarda dos tostões, para evitar surpresas futuras.

Recordo-me de uma comitiva do Ginásio, que foi contratá-lo para tocar num baile que os estudantes organizavam

para arrecadar fundos para um excursão no fim do ano. Honrado, ele recebeu os rapazes afavelmente e foi logo tratando do negócio:

– Bom, eu faço dois tipos de bailes: o Nacional e o Patriótico. Pra cada um é um preço.

E, diante da ignorância de todos, ele explicou:

– O Nacional começa às oito da noite e acaba às quatro da manhã; já o Patriótico começa às dez da noite mas não tem horas para acabar.

Mito e mistério incorporado à paisagem da cidade, esse Veludo arteiro e espalhador de alegrias. Repositório de um folclore que está sendo assassinado impiedosamente aos poucos.

* * *

Da ultima vez que estive em Palmares, doeu-me fundo no peito e estragou meu sábado de feira o quadro em que ninguém prestava atenção: Veludo, com a mão direita no ombro da mulher, e a esquerda aberta para o mundo, implorando a caridade pública. Rosto vazio, cego dos olhos, os lábios murchos, sem um só assovio.

Nem me aproximei para puxar conversa. Mandei um menino entregar uma nota na mão dele. Pagamento pouco e tardio pelos muitos munguzás que tomei, os muitos dobrados que ouvi e os muitos Guerreiros que acompanhei. Deus te ilumine, Veludo.

AMARO

Amaro apareceu por lá já faz mais de trinta anos. Tinha um menino, também Amaro, que assim que se entaludou ganhou o mundo e nunca mais voltou. Ele ficou sozinho na casa de um só cômodo que alugou na Boa Vista.

Amaro arrancava o sustento vendendo pinhas num tabuleiro, numa das esquinas da Coréia. Daí pra frente, ficou sendo conhecido como Amaro das Pinhas, não só para

diferença-lo dos muitos outros Amaros lá existentes, como também porque é de lei que todo mundo tenha seu apelido. Negociou com pinha durante muitos anos, até que resolveu mudar de mercadoria e danou-se a vender pitombas no mesmo tabuleiro. Deste modo, passou a ser chamado de Amaro da Pitomba, e foi assim que eu o conheci nos meus tempos de menino. Ele era afável, tinha a fala mansa, e nós apreciávamos seus cachos de pitomba.

Muito tempo depois de me perder nas curvas deste velho mundo, voltei a Palmares, procurei por Amaro da Pitomba, e ninguém sabia quem era. Uma ferida lhe nascera na perna direita e foi aumentando aos pouquinhos. Seu nome agora era Amaro da Ferida. Achei-o em frente ao Bar Riso da Noite, sentado no banquinho atrás do tabuleiro de pitombas. A enorme ferida enrolada em gaze ensopada de sangue lhe roía a perna e lhe emprestava uma aura de beatitude realçada pela mansidão.

Hoje, ninguém se lembra mais que um dia ele se chamou Amaro da Ferida. Os médicos, incapacitados de curar a ferida, optaram pelo caminho mais prático e cômodo, diante de um paciente sem recursos para se tratar: amputaram-lhe a perna, acima do joelho.

Se você chegar hoje a Palmares, e quiser chupar pitomba, procure Amaro Cotó, na Coréia, que lá ele estará para servi-lo.

DONA HELOISA

Do Ginásio até a Praça do Maurity, era questão de apenas um tanto de metros, medidos. Caminho reto e curto, encasariado, sem questionamentos nem surpresas. Uma dentre as muitas ruas da nossa terra. Isso para quem não procurasse atinar a avenida de ternura e encantações que se abria na cabeça daquele menino, seguindo sua professora, carregando a pilha de cadernos com os deveres de casa.

Aquele menino era eu. A professora, Dona Heloísa.

Ao findar as aulas, por apressado, enxerido e ansioso, eu ganhava sempre o direito de carregar o monte de cadernos, do Ginásio até a casa da mestra, na Praça do Maurity. E aí, então, começava a caminhada. Lenta, arrastada, ela na frente eu atrás. Não trocávamos palavras. Havia uma timidez e um silêncio que erigiam uma distância respeitosa entre a professora e seu pequeno aluno. Ela andava devagar, gozando a fresca que as sombras das casas propiciavam. E eu me sentia magicamente ligado àquela figura miúda e frágil, dócil e delicada, captava no ar o seu amor pelo ofício e pelos alunos, e me encantava com a sabedoria imensa que ela esparramava em abundância, numa idade em que o mundo é um vasto território a ser descoberto.

Tocado por suas frágeis mãos brancas, velejei pelos continentes, apreendi os oceanos, mergulhei nos mistérios do oriente e medi as distâncias entre os planetas. Decorei o Brasil, seus rios, capitais e florestas, e estudei curioso as raças que compõem o nosso povo. Captei meus primeiros verbos, substantivos e adjetivos nos potes fartos de suas mãos em concha. E matutei, quebrando a cabeça, nas primeiras lições de tabuada, que ela, com tanta sapiência, distribuía na sala. Foi ela quem corrigiu e orientou as minhas primeiras escritas, que naquela época eram chamadas de "Descrição" – quando a gente criava uma história a partir de umas paisagens coloridas penduradas na parede –, ou "Dissertação" – quando desenvolvíamos um tema por ela dado.

Um farol e um sino, uma bússola segura, um remanso de ternura e bondade, uma seta apontando um caminho que perdia seus contornos num futuro que eu imaginava seguro, mercê da proteção que sua mestrança me propiciava. O cordão que me ligava àquela pessoa querida que ia caminhando à minha frente tinha muito de encantação e mistério, e me inundava de uma sensação de paz e solidariedade que permanece viva em mim até hoje. E me toca com grande intensidade, sempre que volto a Palmares e refaço aquele percurso do Ginásio até a Praça do Maurity.

Só que, hoje em dia, eu passo pela calçada de sua casa e não mais escuto o "muito obrigada e até amanhã" que ela me dirigia enquanto eu lhe entregava os cadernos. Lembro-me muito bem que havia um piano na sala, e que ela se perdia, perfil esfumado, nas sombras da casa, enquanto eu me afastava feliz, gozando aquele serviço que atestava, na prática, a imensa admiração e carinho que eu lhe votava.

Hoje, dela sei que partiu. Encantou-se nas brumas, da mesma forma que eu a via sumindo nas sombras da sala. Mais um mosaico brutalmente arrancado na arquitetura da Palmares que eu trago no peito e que carrego para qualquer lugar aonde vou. Um mosaico vivo, colorido e terno. Tenho consciência e convicção, plena, total e absoluta de que a capacidade que me permite, bem ou mal, desenvolver estas linhas e me dá condições de exercitar as artes de ficcionista é fruto direto do embasamento proporcionado pelas lições que dela recebi, num tempo da vida em que o menino é apenas uma inspiradora promessa do homem que virá a se instalar em seu corpo e em sua cabeça.

Voltei a Palmares e encontrei o seu nome num logradouro público. Naquela praça do mercado, recentemente construída, lá no fim da Ladeira do Matadouro (era esse o nome no meu tempo). Homenagem justa. Mas, para o menino que carregava os cadernos, muito modesta e em total desproporção com aquela figura miúda e protetora que seguia à sua frente.

Dona Heloísa, minha professorinha de uma infância feliz. Uma paixão que vai durar enquanto eu viver.

Um homem esquece sua primeira namorada. Mas ele jamais será capaz de olvidar a sua professora.

**Mané Peito-de-Aço
o doido e o bêbado
uma história de corno
Manuel Dionísio**

MANÉ PEITO-DE-AÇO

Mané sempre foi parrudo, desde menino, e se encorpou à custa de levantamento de peso e ginásticas. Não perdia um filme de Tarzan, e inspirou-se neste herói para cultivar uma cabeleira cheia, chegada a loura, que ele alisava enquanto ia falando. Até o grito do herói das selvas ele imitava com perfeição, para inveja dos moleques. Nadava bem e costumava atravessar o rio com uma faca nos dentes, face ameaçadora, qual um bravo disposto a enfrentar crocodilos inexistentes. Explorava as matas da redondeza e freqüentemente dormia no mato.

Arteiro, cresceu montando engenhos, sempre às voltas com pregos, latas, alicates, tábuas, pólvora, fios, serrotes, martelos e outros instrumentos. Lembro-me de um telégrafo que ele inventou e que ligava nos fios elétricos dos postes da rua. A partir do toque de seus dedos, o toc-toc era ouvido em todos os rádios da cidade. Ele se divertia com o fabuloso poder de atrapalhar as audições matinais.

Quando da chegada da luz elétrica da Cachoeira de Paulo Afonso a Palmares, enormes postes metálicos foram instalados para trazer a energia à cidade. Mané inventou um fantástico pára-quedas, a partir de armações de guarda-chuvas, com o qual pularia do topo de um poste. Apesar da torcida e da multidão que o seguiu para testemunhar a aventura, foi impedido de concretizar seu salto pela companhia de eletricidade, alertada por algum invejoso.

Ganhava castanhas dos moleques a rodo, com uma roleta que construiu e chegou até a instalar na Festa do Dia 8. Não

prosperou no negócio, porque o que ganhava gastava na compra de brebotes para suas invenções.

Já homem, criou um colete à prova de balas, do qual não se desgrudava, e que deixava entrever usando a camisa permanentemente aberta. A partir daí, ganhou o nome que carregaria para sempre: Mané Peito-de-Aço. E não foram poucas as vezes que testou seu invento, desafiando os homens que andavam armados para dispararem em seu peito. Era corajoso e sempre testava em si mesmo suas invenções.

Do colete para a construção de uma arma, demorou pouco tempo. Mané Peito-de-Aço empregou todo seu engenho e artes na fabricação de um tosco revólver que, disparado, provocava um barulho de canhão.

Aí, sucedeu-se a desgraça.

À falta de testemunhas, não se sabe bem o começo da história. O certo é que aquele foi um dia muito triste e comentado. O fato é que Mané Peito-de-Aço, numa manhã bonita e de sol, destabocou seu revólver no peito da própria mãe, matando-a dentro de casa. O crime comoveu a cidade.

Foi preso, julgado e condenado. Pegou uma pena altíssima.

A última notícia que tive dele dava conta de que ainda está trancafiado na Ilha de Itamaracá.

O DOIDO E O BÊBADO

O nome dele eu não digo, para evitar possíveis ingrezias no futuro. Afinal, trata-se de um militar da ativa, soldado da nossa briosa Polícia, grande amigo, de papo e de cana. Respeitado em Palmares e na região, valente, não leva desaforos para casa. Sempre admirei sua coragem pessoal. Não provocava ninguém, mas nunca levava a pior. Todavia, essa história não tem nada a ver com suas brigas. Deu-se assim:

À falta de um hospital especializado, os doidos furiosos

que por ali aparecem são despachados para o Hospital Psiquiátrico da Tamarineira, no Recife. Os mansos ficam por lá mesmo, e as ruas estão cheias deles. Pacíficos, cada um com sua mania, colorindo a paisagem já tão rica e variada com os sãos.

Pois sucedeu-se que este meu amigo da Polícia foi escalado, junto com outro colega, para levar um doido ao Recife. O infeliz estava amarrado na cadeia, único lugar seguro antes de se iniciar a viagem. De manhã, embarcaram numa camioneta da corporação, com o paciente devidamente amarrado no banco de trás. Na saída da cidade, pegaram a BR-101 e descambaram no rumo da Capital.

Viagem pequena, pouco mais de cem quilômetros, toda em pista asfaltada.

Na entrada do Recife, precisamente no Bairro de Prazeres, pararam com a camioneta em frente a uma venda e desceram para tomar uma bicada. O doido ficou lá dentro, bem amarrado e de olhos abertos. Os dois soldados tomaram um trago cada um, se preparando para a conclusão da missão. Era só entregar o doido e sua papelada no hospital, e regressar a Palmares.

Saíram da venda, voltaram à camioneta e tomaram um susto: o banco estava o lugar mais limpo; o doido fugira e só deixara a corda no assento. Conseguira se desamarrar durante a viagem. Olharam para os lados, e nada. Havia muito mato por ali. Pelo tempo que haviam passado na bodega, o doido fujão devia estar bem longe.

– Tamos fodidos! – foi o comentário do meu amigo.

Mas o susto só durou até o momento em que deram com os olhos num bêbado maltrapilho, dormindo numa esquina ao lado da bodega. Tinha o mesmo tipo físico do doido fujão; viera a calhar.

Suspenderam o infeliz e enfiaram-no na camioneta.

– Mas eu não fiz nada: só tava dormindo – ainda protestou debilmente o bêbado.

– Te cala, que tu és doido.

E dispararam rumo à Tamarineira. Lá, entregaram o

homem, despacharam os papéis e ainda tiveram o cuidado de alertar o funcionário que os recebeu:

– Cuidado que este é perigoso. A mania dele é dizer que não é doido. Lá em Palmares, já enganou muita gente com essa conversa.

Despediram-se e entraram na camioneta. Regressaram a Palmares, felizes por mais uma missão cumprida.

UMA HISTÓRIA DE CORNO

Eu conheci Marco Aurélio quando ele ainda estava de porre, curtindo a imensa desgraça que foram os chifres bem enterrados na testa pela esposa infiel.

Jururu, num canto de sala com o copo não mão, ele foi-me apresentado pelo irmão e veio logo puxando conversa:

– Menino, eu tenho um negócio pra te contar. Tu me parece gente boa...

Foi bruscamente interrompido pelo irmão:

– Fica quieto! Tu tem que sair contando isso pra todo o mundo, é?

No que replicou de pronto, com a cara mais lavada do mundo:

– Que é que tem? O corno sou eu e eu conto pra quem bem entender...

E desfiou a história da traição da mulher, sua fuga com o "pé-de-urso" num carro alugado em direção à praia.

– E eu sou um corno tão besta que ainda paguei a corrida. A mulher mandou o motorista cobrar de mim. É peia, né não?

Professor de Literatura, alma sensível, cativante à primeira vista, Marco Aurélio era chegado a uma glosa. Tão chegado, que fez uns versos gozando os próprios chifres. Transcrevo do jeito que ele me passou:

Por ser assim desleixado

Vivia bebericando

De lado as coisas deixando
Sem querer tomar cuidado
Eu era bem muito amado
No amor eu era assim
Mas o que sobrou pra mim
Eu nem quero fazer conta:
Foi 'ponta" por sobre "ponta"
No amor fui muito ruim.
Por mais décima que eu faça
Por mais bebida que eu beba
Por mais bonito que eu seja
Por mais que gostem de mim
Por mais que eu faça assim
Relembro a minha desdita
De me casar com a maldita
Sem amor e sem afim
Por mais que eu goste da vida
No amor fui muito ruim.
Arranjei um querubim
Nesta vida passageira
Que me foi tão traiçoeira
Mas ela nasceu assim
Para mim foi estopim
Para mim foi a desgraça
Me deixou até sem calça
Por um tipinho assim
Que mesmo assim nesta graça
No amor fui muito ruim

Marcante ausência, Marco Aurélio já não me escreve há um bom tempo. Perdemos o contato nas curvas deste oco de mundo.

Guardo viva na lembrança sua cara de surpresa, rematando a história dos chifres:

– Depois que todo mundo sabia de minha história em Palmares, resolvi pedir transferência do Banco para outra

cidade. Escolhi Paulista, perto de Recife. Aqui, não dava mais. Aí, fiz um requerimento e, onde era pra escrever "motivo", eu botei lá: "problemas em decorrência de infidelidade conjugal". Quando cheguei em Paulista, pensando que ninguém me conhecia, já tava todo mundo esperando "o corno de Palmares". Agora, me diga: é ou não de lasciar o cano?

MANOEL DIONÍSIO

Este não é do meu tempo. E se dele aqui me ocupo, é porque acho que não deve passar em vão uma memória tão rica. Os mais antigos sempre arranjam um jeito de enxertar nas conversas uma referência ao seu nome, narrando passagens denotadeiras de um espírito sagaz, ativo, arguto, observador e sempre com a resposta pronta na ponta da língua, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Seu anedotário, vasto e inconfundível, ascendeu às culminâncias, e ele viu-se erigido à condição de personagem de Hermilo Borba Filho – que retratou-o num dos contos do livro *Sete Dias a Cavalos* –, perenizando uma figura que era mantida apenas nos relatos orais dos habitantes mais antigos de Palmares.

De sua vasta coleção de ditos, tiradas e respostas, duas me ficaram retidas na memória.

A primeira é uma frase que ele vivia a repetir, a propósito da condição feminina: "Mulher comigo não arenga; se arengar, não ganha; se ganhar, não leva; se levar, é dentro!".

A outra é o diálogo que travou com um amigo, quando vacilava entre deixar ou não as filhas moças irem a um baile no Clube Literário. O amigo insistia:

– Que é que tem demais, Manoel Dionísio? Deixa as bichinhas se divertirem. O ambiente lá é de respeito. Ninguém vai tirar pedaço delas, não.

E ele, no mesmo instante:

– Minha preocupação não é tirarem pedaço. Estou preocupado é em botarem pedaço nelas.

SÓ MAIS UMA PALAVRINHA

Esta edição de A Prisão de São Bendito e Outras Histórias, especialmente montada para a Internet, foi feita com base na terceira edição, publicada em 1991.

A primeira edição, que veio a público às custas do próprio autor em 1982, se esgotou tão rapidamente, e fez tanto rebuliço entre Palmares e Recife, que as Edições Bagaço logo trataram de providenciar uma segunda edição, com capa nova e algumas pequenas modificações.

A terceira edição, também com nova capa e também pelas Edições Bagaço, apareceu no mundo com vários acréscimos, novas crônicas e uma generosa apreciação do grande amigo Orlando Tejo, esse sonhador incorrigível que deu à luz o desmantelo completo de Zé Limeira, o Poeta do Absurdo, além de um prefácio de Gilberto Melo. Novamente, a boa aceitação do livreto. Fazendo com que a Bagaço já esteja pensando em lançar uma quarta edição. Tomara que assim seja.

E há que se registrar mais uma coisa: passados tão poucos anos, a Palmares de hoje, final de século e de milênio, quase nada tem a ver com a Palmares retratada no livro. As mudanças, que antes se processavam em décadas, agora estão acontecendo em anos. A Coréia não existe mais. As moças hoje já fazem, de graça, o que putas faziam antes, cobrando. Uma concorrência predatória e desleal que deixou à mingua as raparigas do bairro. Ano passado, quando lá estive, na casa onde era a Pensão de Maria Uleiro estava funcionando uma escola primária com o nome de Externato Cecília Meireles.

Telles Júnior, meu personagem no Romance da Besta Fubana, morreu de um derrame no Natal de 1998. Biu do Tacho parou de beber e se converteu à igreja do Bispo Macedo, essa praga que se difundiu pelo país e, hoje, ocupa o casarão onde

funcionava o Cine São Luis.

Luiz Guarda foi morto dentro da cadeia com um tiro certeiro. Ninguém sabe quem foi. Quer dizer, as autoridades não sabem. Todo mundo sabe que ele foi morto pela polícia, em vingança à matança que fazia dos ladrões. Pois é de conhecimento público e fama alardeada que a Polícia era sócia dos ladrões, que dividiam o produto dos seus roubos meio-a-meio, a fim de complementar os minguidos salários dos nossos bravos milicianos.

Veludo do Pife morreu cego e esquecido pelas novas gerações. Conforta-me o fato de que, depois de uma campanha, consegui arrancar dos poderes públicos de Palmares uma magra pensão mensal, que lhe propiciou um pão mais descansado na velhice – sem precisar ficar esmolando pelas ruas – e um final de vida menos desgraçado.

A cidade foi miserável e impiedosamente descaracterizada pela derrubada do nosso quase centenário mercado, em cujo telhado pousou a Besta Fubana. Obra da insanidade da Prefeitura, apesar dos inúmeros apelos e campanhas que foram feitos pelos intelectuais e pessoas de bom senso, não apenas de Palmares, mas também do Recife e de todo o estado de Pernambuco.

Luiz Berto

obras e coisas outras

1. A PRISÃO DE SÃO BENEDITO – Crônicas
Primeira edição: Brasília, 1982, Ed. Independência
Segunda edição: Palmares, 1987, Ed. Bagaço
Terceira edição: Recife, 1991, Ed. Bagaço
Quarta edição: Recife, 1997, Ed. Bagaço

2. O ROMANCE DA BESTA FUBANA – Romance
Primeira edição: Belo Horizonte, 1984, Ed. Itatiaia
Segunda edição: Recife, 1994, Ed. Bagaço
– Prêmio Literário Nacional, 1985, Instituto Nacional do Livro/MEC
– Prêmio Guararapes, 1986, União Brasileira de Escritores/Rio

3. A SERENATA – Novela
Porto Alegre, 1986, Ed. Mercado Aberto

4. NUNCA HOUVE GUERRILHA EM PALMARES – Romance
Porto Alegre, 1987, Ed. Mercado Aberto

5. PEIBUFO, ETC. E COISA E TAL – Comédia em um ato
Levada ao palco em Palmares–PE, Recife–PE, Belo Horizonte–MG e Brasília–DF, 1989.

6. MEMORIAL DO MUNDO NOVO – Romance Inédito

- 7 – HISTÓRIAS QUE NÓS GOSTAMOS DE CONTAR
Crônicas – Em preparo
- 8 – DUZENTAS OBRAS–PRIMAS DA POESIA RUIM –
Coletânea – Em preparo

6. Participação no International Writing Program da Universidade de Iowa, Estados Unidos, a convite do governo americano, de 01 de setembro a 15 de dezembro de 1986.
7. Participação no International Festival of Authors, Toronto, Canadá, de 17 a 25 de outubro de 1986.
8. Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro/MEC, categoria Obra Publicada (O Romance da Besta Fubana), São Paulo, 1985.
9. Prêmio Guararapes da União Brasileira de Escritores (O Romance da Besta Fubana), Rio de Janeiro, 1986.
10. O Romance da Besta Fubana ou Festa e Utopia no Interior do Nordeste, dissertação apresentada pela Professora Ilane Ferreira Cavalcante ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para a obtenção do Grau de Mestre em Letras, área de concentração em Literatura Comparada, em junho de 1996.
11. Resenhas, análises, reportagens e comentários: Revista Veja-SP, O Globo-RJ, Correio Braziliense-DF, Jornal do Brasil-RJ, Zero Hora-RS, Revista Manchete-RJ, Jornal da Tarde-SP, Jornal José-DF, Última Hora-DF, Diário de Pernambuco-PE, Jornal de Letras-RJ, O Popular-GO, Jornal de Brasília-DF, World Literature Today-USA, Revista Humanidades-DF, Jornal do Comércio-PE, Diário do Pará-PA, Tribuna do Ceará-CE, Jornal da Casa-MG, Jornal de Alagoas-AL, O Estado do Paraná-PR, O Estado do Maranhão-MA, A União-PB, Jornal de Santa Catarina-SC.

12. Críticas, análises e comentários: Ênio Silveira, Wilson Martins, Oswaldino Marques, Edisio Gomes de Matos, Jorge Medauar, Maurício Melo Júnior, Luiz Beltrão, Fernando Antonio Gonçalves, Graça Santos, Marcus Prado, Paulo do Couto Malta, Mirian Paglia Costa, Juarez Correya, Eduardo Francisco Alves, Salete de Almeida Cara, Valesca Assis Brasil, Ubiratan Teixeira, Luiz Felipe Maldaner, Carlos Romero, Brasigóis Felício, Abdias Lima, Carlos Menezes, Napoleão Barroso Braga e Regina Igel.

"Ao avançar na leitura do texto, vi-me possuído por crescente admiração e não me continha em exclamações de grande apreço, pois o Romance da Besta Fubana de fato se ia revelando das melhores coisas que havia lido nos últimos anos".

Ênio Silveira – Editor

"Inspirado na literatura de cordel, Berto colhe nesse gênero popularíssimo o arcabouço da narrativa e também os seus personagens. Com um estilo que lembra Ariano Suassuna e Márcio de Souza, O Romance da Besta Fubana mostra um escritor imaginativo e bem-humorado".

Mariam Paglia Costa – Revista Veja

"A cada momento, ressalta uma novidade, uma experiência singular, um simples dizer original, que, na verdade, aumenta a admiração do leitor não apenas pela maneira de narrar do escritor, mas pela singularidade que sua descrição encerra. O livro é uma das melhores coisas realizadas ultimamente".

Edisio Gomes de Matos – Correio Braziliense–DF

"O contrapeso fica por conta dos ingredientes fantásticos e o resultado acaba sendo uma leitura divertida e curiosa".

Salete Maria Cara – Jornal da Tarde–SP

"O mundo das letras brasileiras, e pernambucanas em particular, se enriquece de mais um narrador original e criativo".

Luiz Beltrão – Diário de Pernambuco–PE

"Nas perspectivas abertas por Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e Luiz Berto, a vida brasileira é uma aventura picaresca vivida por uma multidão de pícaros generosos e nacionalistas. Importa, acima de tudo, que tenha crescido em dificuldade e complexidade o índice qualitativo do romance brasileiro".

Wilson Martins – Jornal do Brasil–RJ

"Este é um romance que se destaca entre tantos que foram publicados nestes últimos anos. E por várias razões. Entre as quais é preciso destacar o mundo mágico de Palmares, sem dúvida muito mais rico e fantástico do que Macondo, que deu fama universal a seu autor".

Jorge Medauar – Jornal de Letras–RJ

"Esse pernambucano de Palmares, chamado Luiz Berto, está neste rol dos escritores que podem fazer a mochila e sair batendo perna pelo mundo, sem fazer vergonha. O Romance da Besta Fubana me chamou a atenção pela originalidade de sua linguagem: o caboclo escreve e sabe que sabe escrever".

Ubiratan Teixeira – O Estado do Maranhão–MA

"É nesse sentido que este maravilhoso Romance da Besta Fubana, de Luiz Berto, deve ser lido. Como um dos mais criativos e verídicos romances brasileiros dos últimos anos".

Eduardo Francisco Alves – Revista Manchete–RJ